

FORMAÇÃO, PARA AMAR E SERVIR COMO JESUS



A Equipe Responsável Internacional não autoriza nenhum grupo de casais, que não seja admitido no Movimento, a intitular-se "**EQUIPES DE NOSSA SENHORA**".

Este documento é de uso interno do Movimento das Equipes de Nossa Senhora

Responsabilidade:

Equipe da Super-Região Brasil
R. Luís Coelho, 308 • 5º andar • cj 53
cep 01309-902 • São Paulo - SP
Fone: (0xx11) 3256.1212 • Fax: (0xx11) 3257.3599
www.ens.org.br • secretariado@ens.org.br

Texto

Pe. Avelino Pértile OCD

Revisão de Texto

Cida e Raimundo Araújo

Edição e Produção

Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.
R. Turiaçu, 390 - 11º andar, cj. 115
São Paulo - SP • Fone: (11) 3473.1282
www.novabandeira.com
novabandeira@novabandeira.com

Projeto Gráfico e Diagramação:

Alessandra Carignani

FORMAÇÃO, PARA AMAR E SERVIR COMO JESUS

*Tema de Estudo das
Equipes de Nossa Senhora*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 05

PREFÁCIO 06

Capítulo 1

FORMAR UMA AUTÊNTICA IDENTIDADE CRISTÃ..... 09

Capítulo 2

O PORQUÊ DA FORMAÇÃO 17

Capítulo 3

FORMAR O CRISTO EM NÓS..... 25

Capítulo 4

A PALAVRA DE DEUS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO 33

Capítulo 5

O ESPÍRITO SANTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO..... 41

Capítulo 6

AMAR A IGREJA: CAMINHO PARA AMAR A CRISTO 51

Capítulo 7

A ORAÇÃO, UM EXERCÍCIO DE QUEM AMA 57

Capítulo 8

MARIA NOS ENSINA A AMAR E SERVIR COMO JESUS 65

APRESENTAÇÃO

“A formação que se busca não visa a nenhuma graduação acadêmica, mas é aprendizado para viver.”

“*Faze-te ao largo*” (Lc 5,4), disse Jesus a Pedro. Longe de ser uma ordem, Jesus faz um ousado convite ao discípulo: tornar-se pescador de homens para Deus. Ou seja, mudar de escola e de Mestre. Foram três anos de formação!

Como membros de um Movimento que tem Jesus como seu centro, também nós equipistas somos chamados e escolhidos por Jesus a nos tornarmos *escolas vivas e especializadas em formação cristã para casais*.

É esse o espírito que vai guiar nossos estudos e reflexões em 2011. Eis a proposta condutora: ser comunidade viva. Uma comunidade de iguais, identificada com Jesus, guiada pelo Espírito, aberta a todos, solidária, de serviço. Uma comunidade que “deve ser o germe de humanidade nova”.

O Tema de Estudo de 2011 será ele mesmo o objeto da formação de todos os equipistas que aceitaram “fazer-se ao largo”. A proposta do tema “*Formação, para amar e servir como Jesus*” se insere na orientação das Equipes de Nossa Senhora no que se refere à prática do discernimento humano e cristão, na busca de uma mais estreita coerência entre a fé e a vida, além do aprofundamento e conhecimento da nossa fé (cf. Guia das ENS, 87).

Somos todos, portanto, como Equipe de Nossa Senhora, a pequena *Ecclesia* que se reúne em nome de Jesus, convidados a formar Cristo em nós, na esperança de nos tornarmos filhos amados de Deus.

Que a Virgem Maria, a primeira a acolher com fé a Palavra de Deus, nos ensine a amar e servir como Jesus.

Equipe da Super-Região Brasil

PREFÁCIO

Este tema, seguindo os ensinamentos de São Paulo, é um convite amoroso para todos os membros das Equipes de Nossa Senhora, para um corajoso empenho de formação espiritual, próprio de quem sabe o que quer. O tema deve ser apenas um motivador, que nos desperte para sentir a necessidade de uma renovação, que nos leve a um aprimoramento na vida espiritual. A renovação é exigência interior de crescimento espiritual dos batizados. Mais, ainda, é uma atenção à meta ardentemente pedida pelo Senhor nas Escrituras e assumida livremente pelos casais das ENS: “tender à santidade, nem mais nem menos” (Pe. Caffarel).

Casais das ENS que não tenham esta meta como objetivo consciente, contando com a graça de Deus, sem dispensar um humilde e corajoso esforço pessoal em sua formação, estão em barco errado.

Para colaborar com os esforços dos equipistas de perseguir a meta do aprimoramento espiritual, o tema propõe que se inicie por formar uma autêntica identidade cristã. As palavras do apóstolo Paulo – “*despojai-vos do velho homem e revesti-vos do homem novo*” (Ef 4,22-24) – deveriam soar como um apelo divino aos nossos ouvidos. Não é para isso que optamos por uma comunhão de fé na vida comunitária das ENS? Com vistas a espantar as dúvidas, o tema segue mostrando as razões que nos levam a uma formação mais ampla. É um estímulo para nos questionarmos sobre a própria identidade cristã e despertarmos para a necessidade de crescimento, no processo de amadurecimento na fé. Só então teremos condições de colaborar com a graça de Deus, no seu plano magnífico, pelo qual nos chama à plenitude de formar Cristo em nós. Neste percurso, vemos que se mostra indispensável uma maior intimidade com Deus, uma aproximação que não dispensa um diálogo amoroso, no qual buscamos conhecer a sua vontade para a nossa vida e o plano que tem para o casal, dando especial atenção à escuta assídua da Palavra.

Se o projeto parecer deveras difícil de ser levado adiante, o tema traz um encorajamento, mostrando que tudo é possível, porque o Espírito Santo, que nos é dado por Deus, opera em nós. O responsável pelo crescimento espiritual é o Espírito Santo, que agirá sempre que encontrar espaço disponível no coração de quem esteja atento à sua escuta, através da oração. A fidelidade à palavra de Deus será sempre fidelidade ao Espírito Santo. A ele foi confiada a missão de lembrá-la e torná-la compreensível (Jo 14,26). O Espírito Santo é a força na nossa fraqueza (Rm 8,26).

Essas verdades nos são proclamadas pela Igreja, fundada por Jesus Cristo, com quem nos queremos configurar. Se queremos amar como Jesus ama, precisamos amar a sua Igreja e, nela, comprometermo-nos como povo de Deus, sendo anúncios vivos do seu plano de salvação. A vida e a fé misturam-se na vida cotidiana. A Igreja é feita de homens e mulheres habitados pela miséria, mas também pela riqueza do Espírito Santo, que anima a vida. Reafirmamos nossa crença na Igreja, que tem Maria como mãe. Maria, que acompanhou a Igreja desde os primeiros passos, estando presente na comunidade dos primeiros cristãos, no dia do Pentecostes, e com ela permaneceu até sua Assunção. Da mesma forma, nas ENS, desde o início da vida do Movimento, Maria foi acolhida como protetora. As ENS precisam de Maria, sua intercessora e mãe.

Enfim, a formação é um projeto que não tem limite de tempo, é de longo prazo, mas neste ano queremos assumi-lo com mais coragem e dedicação. O caminho é longo, mas é por este caminho que decidimos andar. As exigências são proporcionais ao ideal. Um ideal elevado tem preço elevado, mas grande é a recompensa quando o buscamos imbuídos de intenções sinceras, vontade determinada e esforços concretos.

Deus nos abençoe!

Pe. Avelino Pértile OCD

A verdadeira identidade começa a formar-se quando sentimos necessidade de despojarmo-nos do “homem velho”, deste mundo natural, para podermos revestir-nos do “homem novo”, vivificado pelo princípio sobrenatural.



FORMAR UMA AUTÊNTICA IDENTIDADE CRISTÃ

1. Identidade cristã

“O cristão é um ser novo, um ser original, um ser feliz”, como dizia o Papa Paulo VI comentando uma das sentenças de Pascal: “*Não há ninguém mais feliz que um verdadeiro cristão. Não há ninguém mais virtuoso e mais amável que um verdadeiro cristão*”.¹

A identidade cristã precisa ser formada para que a vocação cristã se mantenha viva. Esta identidade é formada por Deus, mas conta com a colaboração humana.

A verdadeira identidade começa a formar-se quando sentimos necessidade de despojarmo-nos do “homem velho”, deste mundo natural, para podermos revestir-nos do “homem novo”, vivificado pelo princípio sobrenatural. De um e de outro, fala-nos com frequência o Apóstolo Paulo (Ef 4,24; Cl 3,10; 2Cor 5,17). Este processo tem início quando sentimos o apelo de Deus e quando começamos a nos determinar para o despojamento. Não cresce o “homem novo” enquanto não desaparece o “homem velho”.

Quando recordamos nossa original vocação à santidade, estes pensamentos de São Paulo vêm bater à porta da nossa consciência com insistência, pedindo atenção e, ao mesmo tempo, encorajando-nos. Às vezes, por respeito humano, nós nos conformamos, adequando-nos ao mundo que nos rodeia e nem sequer deixamos transparecer o pouco do nosso ser cristão. Mesmo o calar-se, muitas vezes, se torna uma nuvem que oculta quem somos de verdade. “*Cristão é quem tem um modo de viver próprio, livre, superior, lógico e austero*”, seguindo a mensagem do Papa Paulo VI. Por isso

1. Pensées, 541

a Igreja chama a atenção e adverte: cristão, sê consciente!
cristão, sê cristão!

2. A identidade do cristão é definida

Não somos nós os autores desta identidade; ela nos é dada por Deus-Pai, que nos criou, e por Jesus Cristo, que nos recriou através da sua Paixão, Morte e Ressurreição.

A identidade cristã é, acima de tudo, dom gratuito de Deus Criador: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” (Gn 1, 26-27). Esta imagem foi quebrada e a semelhança foi desfigurada, mas novamente nos é restaurada por Jesus Cristo, ainda que lhe tenha custado um “preço muito elevado”.

Deus-Pai e Jesus Cristo são, portanto, as fontes da nossa identidade cristã.

3. Dignidade chama dignidade

Em Jesus Cristo, e com Ele, formamos um só corpo. Cada um é membro do “Corpo Total” de Cristo, a Igreja, da qual Ele é a Cabeça (Cl 1,18). Se a nossa origem está no mesmo Deus, o tornar-se semelhante é uma obrigação intrínseca.

Cristão é aquele que deixa Cristo se formar nele (Gl 4,19). Formar a identidade cristã consiste nisto: deixar que Cristo se forme em mim. A identidade do cristão é a mesma identidade de Jesus Cristo, com a única distinção de que, o que Cristo é por natureza, nós o somos por adoção.

“*Este é meu Filho muito amado*”. Esta afirmação foi ouvida por João Batista no Batismo de Jesus (Mt 3,17). Em outra ocasião, no dia da Transfiguração, fez-se ouvir novamente a voz do Pai e a mesma afirmação que chegou aos ouvidos das três testemunhas escolhidas por Jesus, os apóstolos Pedro, João e Tiago (Mt 17,5).

O apóstolo e evangelista João afirma que também nós somos filhos de Deus, ainda que não possamos ver agora; mas um dia veremos (1Jo 3, 1-2): “*Vede que grande presente de amor o Pai*

nos deu: sermos chamados filhos de Deus! E nós o somos! Se o mundo não nos conhece, é porque não conheceu o Pai. Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas nem sequer se manifestou o que seremos! Sabemos que, quando Jesus Cristo se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é”.

4. Quando começa nascer a identidade cristã?

Pelo batismo somos como que “gerados” no seio da Igreja, Esposa de Jesus Cristo e Mãe de todos os renascidos nas águas do batismo. A identidade cristã começa a existir desde este momento, embora de forma ainda indefinida. Quando uma criança é gerada no seio materno, desde o primeiro momento, já se encontra nela, embora ainda invisível aos olhos humanos, tudo aquilo que virá a ser: um homem ou uma mulher, com as características de homem e mulher adultos e maduros. Mas os traços característicos passam por um processo de crescimento.

A criança cresce ocultamente, como a semente na terra, sem ser vista até chegar o dia do nascimento. Da mesma forma, também a identidade cristã tem sua gestação no seio materno e seu desenvolvimento no seio da família e no seio da sociedade em que vivemos. Mãe e pai, família e sociedade têm uma forte influência, talvez decisiva, na formação da identidade cristã. No clima favorável do seio materno e, também, no seio da família, tudo é natural e espontâneo.

Mas precisamos sair destes ambientes naturais e enfrentar o clima do mundo externo cheio de perigos e de ameaças. A identidade cristã se define e se afirma em clima adverso. “*Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo seu poder*”, foi a resposta que o apóstolo São Paulo recebeu quando pediu que fosse libertado dos espinhos da carne (2Cor 12, 7-9).

É necessário enfrentar o que a vida nos prepara. O tempo vai definindo os traços da identidade, tornando-os, cada dia, mais nítidos, indelévels e inconfundíveis.

5. Etapas da identidade cristã

A identidade cristã se forma gradualmente. *“Quando era criança falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio de criança”* (1Cor 13,11). Na formação da identidade não se queimam etapas. Mas, também, não podemos permanecer imaturos, sempre crianças. O tempo, na formação da identidade cristã, tem sua função e aí entra o esforço e o trabalho de cada um. Chega o tempo de comer alimentos sólidos, próprios de adultos.

Somos membros de um Corpo destinado à plenitude. Jesus Cristo é a Cabeça deste Corpo. Seríamos uma deformação, neste Corpo, se não evoluíssemos à idade adulta. Somos, ao mesmo tempo, membros com funções específicas. A identidade se define levando em conta que cada membro tem suas características próprias, ainda que cada um revele o corpo todo. Uma mão humana é apenas um membro do corpo, entretanto, mesmo sendo vista separada do resto, ainda assim podemos identificá-la como sendo a mão de um ser humano.

Assim acontece com os membros do Corpo Total de Jesus Cristo, a Igreja. Cada membro deve refletir Jesus Cristo e ser um sinal visível d’Ele. No homem, esposo e pai, e na mulher, esposa e mãe, deve resplandecer Jesus Cristo, que em tudo tem a primazia (Cl 1,18): *“Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja; é o princípio, Primogênito dentre os mortos, de sorte que em tudo tem a primazia”*.

6. A identidade é a marca inconfundível

A identidade é inconfundível, em qualquer ambiente, quando é madura. Uma fruta apenas saída da flor, vista separada da árvore, pode ser confundida. Os traços característicos vão aparecendo na medida em que cresce. Cristão que não cresce fica indefinido, confundindo-se com quem não o é.

Nós nos tornamos cristãos pela graça de Deus e pelo esforço pessoal, fortalecidos pela alimentação adequada.

O crescimento não dispensa uma séria, segura, amorosa e exigente orientação formativa, pois, “exigência sem amor, revolta”², mas com amor, edifica e constrói.

7. Exigências para formar a identidade cristã madura

Jesus Cristo disse a Nicodemos que é necessário nascer de novo. Nicodemos perguntou a Jesus: “*Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?*” Jesus Cristo respondeu: “*Em verdade, em verdade te digo: quem não nasce da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*” (Jo 3,4-5). Sim, precisamos nascer de novo, pela busca corajosa de uma renovação.

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn1, 26-27) e, quando este pecou, o mesmo Deus-Amor inventou outra forma para recriar e restabelecer a dignidade primeira. Tomou a forma humana, “*fez-se semelhante a nós em tudo, exceto no pecado*” (Fl 2,7).

Em resposta à providência de Deus, nós precisamos encontrar a forma de nos renovar espiritualmente. É necessário e é possível, porque tudo o que é necessário Deus tornou possível.

8. Sempre abertos à conversão

A vida cristã precisa estar sempre aberta à renovação e à conversão. A vida cristã também está exposta à decadência, ao envelhecimento. O tempo consome as energias espirituais, com mais fúria ainda do que o faz com as energias físicas. Por isso, a exigência de renovar-se é normal.

Não apenas a decadência moral, mas também os efeitos do progresso determinam a necessidade de renovar-se. Isto porque

2. Pe. Henri Caffarel – ‘Um Homem Arrebatado por Deus’, p. 94

o modo de viver e pensar dos cristãos vai se amoldando ao modo de ver e pensar do mundo que o cerca. Imperceptível e inconscientemente, a cultura mundana invade a vida dos mais bem intencionados. A renovação torna-se necessária.

O conformismo entra em nós a conta-gotas, e quando nos apercebemos, estamos na roda, dançando conforme a música do mundo que nos rodeia. Prevendo este perigo, o apóstolo Paulo adverte: *“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é a vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito”* (Rm 12, 2).

Para meditar em casal (pista para o Dever de Sentar-se)

Jesus subiu na barca de Simão e pede que avance para águas mais profundas (cf Lc 5, 4). O crescimento espiritual requer um esforço maior, pede coragem para se lançar. Quando entramos nas ENS aceitamos este desafio de “lançar-se para águas mais profundas”. “Ninguém pesca sem molhar os pés”, isto é, sem esforço e sacrifício. Os PCEs devem ser vistos com esta perspectiva. O filósofo Sêneca dizia: *“Não há vento favorável para quem não sabe para onde vai”*. Buscar a santidade é navegar em alto mar, sempre com os olhos fixos na meta proposta, naquele que disse: *“sede santos, porque eu sou santo”* (1Pd 1,16). Desviar-se do rumo em mar tão grande e tão agitado é coisa que acontece até imperceptivelmente. O Dever de Sentar-se é oportunidade, é graça. Nele o casal retoma o rumo, reacende a esperança e mutuamente se encorajam.

1. A identidade cristã já foi objeto de reflexão espiritual em nível pessoal, no diálogo conjugal e no âmbito da família?
2. Quais são as sementes que Deus nos fornece para crescermos em uma identidade cristã sempre mais definida? Nós, como casal, estamos atentos às propostas de Deus?
3. “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. Temos procurado encorajar um ao outro para buscar esta perfeição?

Para meditar em equipe
(responder por escrito)

1. Em nossa equipe existe a preocupação pelo aprimoramento cristão e interesse dos casais no uso dos meios oferecidos pelo Movimento?
2. Quando nos esforçamos em praticar os PCEs, temos em mente que nosso crescimento é um auxílio para os demais casais?
3. Temos consciência de que a reunião de equipe é um ponto fundamental de alimento espiritual e de que para lá vamos com ânsia de buscar e dar?

*Nós queremos
renovar-nos, como
pessoas, como casal,
como família, como
Equipes de Nossa
Senhora. Jesus é o
Caminho, o único
caminho que leva
ao Pai, fonte primeira
da perfeição.*



O PORQUÊ DA FORMAÇÃO

1. O segredo da felicidade: conhecer

O segredo da felicidade está em conhecer. “*Ora, a vida eterna é esta: que eles Te conheçam a Ti, o Deus único e verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo*” (Jo 17, 3). No diálogo com a samaritana, Jesus exclama: “*Ah! Se conhecesses o dom de Deus!*” (Jo 4,10). Jesus pode ter completado esta exclamação com mais algumas palavras, talvez estas: “*Ah! Se conhecesses o dom de Deus, que feliz serias!*”

Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que “**todos cheguem ao pleno conhecimento da verdade**” (1Tm 2,3). Buscar a verdade sobre nós mesmos e sobre os nossos projetos, entre os quais está a razão de estarmos nas ENS. Buscar a verdade foi a grande aventura de Santo Agostinho, que lamentou tê-la encontrado tão tarde, porque a buscava longe quando estava tão perto. Primeiro precisamos conhecer a nós mesmos. Mas o homem só começa a conhecer-se quando sai de si mesmo e vai ao encontro do outro, até se encontrar com o Outro, Jesus Cristo, a perfeita revelação de Deus e a perfeita revelação do homem: “*Quem me conhece, conhece o Pai*”, “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14,9). “*O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo Encarnado*”.³ Quando começamos a nos olhar em Jesus Cristo, Homem e Deus, então passamos a perceber os verdadeiros traços que não de revelar a identidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26).

2. Jesus Cristo, fonte do conhecimento

O Concílio Vaticano II, falando da renovação buscada pela Igreja em todos os seus membros, “*pedras vivas*” (1Pd 2,5),

3. Gaudium et Spes, 22

coloca como norma primeira o seguimento de Jesus. A Igreja quer e precisa renovar-se sempre até poder se apresentar como “esposa adornada para o Esposo” (Ap 21,2). Nós queremos renovar-nos, como pessoas, como casal, como família, como Equipes de Nossa Senhora. Jesus é o Caminho, o único caminho que leva ao Pai, fonte primeira da perfeição. Ele é o modelo, porque só *“Ele é a imagem do Deus invisível”* (Cl 1,15).

Jesus é imitável, por isso queremos ser como as testemunhas que seguiram Jesus Cristo, o Caminho. Queremos seguir Cristo pela via do conhecimento feito de experiência. O perfeito conhecimento é fundado na experiência, supera e supre o conhecimento teórico. A vida de muitos santos é testemunha desta verdade. O seguimento é vida que se torna visível, especialmente através do contato com a Palavra, revelada na Escritura e que se fez carne, à disposição de todos na Eucaristia.

Paulo, referindo-se ao conhecimento de Jesus Cristo, assim se expressa: *“Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo. Mais ainda: tudo eu considero perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor”* (Fl 3,7-8). O conhecimento mais aprofundado de Jesus supõe um longo caminho. São Paulo, incentivando esta busca constante, acrescenta: *“Qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo”* (Fl 3,16). Com estas palavras nos mostra que o caminho continua. Ele mesmo diz não se importar com o caminho já percorrido, mas olhando para frente, caminha para a meta.

3. Um Movimento de formação

A formação que se busca não visa a nenhuma graduação acadêmica, mas é aprendizado para viver. Uma das grandes metas do Pe. Caffarel com seus editoriais, nas Cartas Mensais, durante quase 20 anos, era formar casais verdadeiramente cristãos. ENS: Escolas de vida cristã, lugar de formação e de aprofundamento. O ponto de partida para este aprofundamento seria a Palavra de Deus e a fé da Igreja.

Em 1952, diante do expressivo crescimento numérico das Equipes, o Pe. Caffarel sentiu a necessidade de traçar metas para o Movimento. Ele destacou quatro pontos básicos. As Equipes são: 1) **escolas** de vida cristã - seu primeiro desejo era transformar a equipe em escola; 2) **laboratório** para uma espiritualidade do cristão leigo casado; 3) **centros de difusão** da teologia do casamento e da espiritualidade conjugal; e 4) **testemunhas**.

Queria ele que as ENS fossem um símbolo real do mandamento pelo qual são conhecidos os verdadeiros discípulos do Senhor: “*Amái-vos uns aos outros*” (Jo 15,12). Escolas, onde os casais fossem mestres de cristianismo para casais. Escolas, onde os casais pudessem descobrir a grandeza da dignidade cristã na vida de casados. A dignidade cristã engrandece qualquer vocação. Nesta escola, os primeiros beneficiados sempre são os mestres, quando sabem ser discípulos diante do Mestre Jesus.

A grande sala de aula do casal cristão é o mundo em que se encontra no cotidiano. Jesus era o Mestre, a Escola, e os discípulos eram os que se aproximavam dele para ouvi-lo e conhecê-lo. “*A formação dos fiéis leigos tem como objetivo fundamental a descoberta sempre mais clara da própria vocação*”.⁴ Cristo chama para que se formem em sua escola, depois os envia, para que sejam escolas ambulantes. João Paulo II insiste, ainda, que esta vocação e esta missão, “*ser chamado e ser enviado, ser discípulo e ser mestre*”⁵, define a dignidade e a responsabilidade de toda ação formativa.

4. Pe. Henri Caffarel, um formador

Ao fundar as Equipes de Nossa Senhora, o Pe. Caffarel colocou a reflexão (formação) sobre o sacramento do matrimônio no centro da espiritualidade dos casais. O Pe. Caffarel consagrou sua longa vida sacerdotal, especialmente o tempo

4. Christífideles Laici, 58

5. Christífideles Laici, 58

em que esteve à frente do Movimento, para formar a mente e o coração dos casais, semeando as verdades evangélicas em suas mentes e inflamando os corações com a chama de amor daquele que nos amou primeiro e continua amando-nos como ninguém. Ele queria equipes de homens e mulheres, casais, com uma identidade cristã inconfundível. *“Nisso conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”* (Jo 13,35).

Trabalhou muito pelas ENS, mas com o olhar fixo em Jesus Cristo. A pupila dos seus olhos eram as ENS. Entretanto, equipes onde se refletisse, em cada casal, a imagem cristã, pois só assim a equipe poderia chamar-se “pequena igreja”. Ele não queria formar equipes para serem simples grupos de casais, ainda que imbuídos das melhores intenções, mas queria equipes de casais cristãos, conscientes da própria identidade, imagem e semelhança de Deus, templos vivos do Espírito Santo, ícones da Santíssima Trindade, para os quais tudo se define com uma palavra: Amor.

5. Os Movimentos na Igreja

A Igreja é uma comunidade de fiéis enriquecida por múltiplos Movimentos, que nasceram, não por acaso, nem sem a vontade de Deus. Um apenas não seria capaz de manifestar a imensa beleza de Deus e todas as suas riquezas. São necessários muitos carismas para que Deus possa revelar-se.

Os Movimentos são como que “sinais sacramentais” da riqueza e grandeza de Deus. Entre estes sinais está o Movimento das ENS, que escolheu, como uma prioridade, **ser um Movimento de formação** e não de ação. É, pois, da essência das ENS formar agentes de formação. Os equipistas querem *ser* para depois agir, pois o ser precede o agir e leva a agir.

As Equipes querem ajudar os casais a descobrirem a grandeza do matrimônio cristão, chamado por São Paulo o “grande sacramento”, como vocação à santidade. Ajudar a descobrir que o sacramento do Matrimônio é uma fonte de graças, que tem o poder de transformar o homem e a mulher em símbolos

do amor de Deus para com a humanidade: um verdadeiro sinal, o melhor sinal do amor de Cristo para com a sua Igreja. Na escola das ENS, os casais, verdadeiros discípulos, descobrem o valor e o poder do “grande sacramento”, fonte de vida.

Os casais das ENS são chamados e enviados para testemunhar que o mandamento de Jesus, “*buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo*” (Mt 6,33), é uma verdade a ser vivida por todos, com docilidade e comprometimento.

Os chamados e escolhidos a participar das Equipes são destinados a se tornarem escolas vivas e especializadas em formação cristã para casais. Não há nem regras, nem receitas prontas para esta formação: “vamos buscar juntos” a vontade de Deus sobre o matrimônio, dizia o Pe. Caffarel. A qualificação da escola das ENS brota da vida dos casais, que nela se formaram, e da fidelidade ao Mestre.

6. Formação e vocação

Para reavivar os dons recebidos, especialmente o dom da vocação, é necessário um esforço de formação espiritual, teológica, pastoral e cultural.⁶ Lembramos João Paulo II, “*A formação dos fiéis leigos tem como objetivo fundamental a descoberta sempre mais clara da própria vocação*”.⁷

João Paulo II, dirigindo-se aos catequistas, dizia: “*O verdadeiro catequista é o santo*”, ou seja, aquele que conhece a doutrina que transmite e vive da doutrina que acredita.

Assim fala João Paulo II, com referência aos “frutos”: “*Não há dúvidas de que a formação cristã deve ocupar um lugar privilegiado na vida de cada um, chamado a crescer, sem parar, na intimidade com Cristo, na conformidade com a vontade do Pai, na entrega aos irmãos na caridade e na justiça*”.⁸

6. Cf. Catecismo de adultos, 725

7. Christifideles Laici, 58

8. Christifideles Laici, 60

A fidelidade à própria vocação depende do conhecimento que dela temos. Ignorar o significado do Sacramento do Matrimônio, ignorar o significado do Sacramento da Ordem explica em grande parte as infidelidades conjugais e sacerdotais, o abandono da vida sacerdotal e as separações na vida matrimonial. A frieza com que muitos vivem a própria vocação tem sua explicação nesta carência de conhecimento do sacramento recebido, sobre o que somos e sobre a transformação substancial operada pelo sacramento.

Se o sacerdote soubesse o que aconteceu nele com a imposição das mãos, no dia da sua ordenação sacerdotal, e se os casais soubessem o que operou neles o sacramento do Matrimônio, o esforço em viver com mais entusiasmo e ardor a vocação não seria um peso, mas uma satisfação. O empenho seria incomparavelmente maior. Conhecer a própria identidade é a garantia da fidelidade e também o suporte para viver e testemunhar com alegria a própria vocação. Ignorar a identidade verdadeira leva ao descomprometimento, à indiferença e à rotina de viver o dia a dia. Por isso, há muitos que carregam com dificuldade a vida matrimonial e sacerdotal. Um mau testemunho é um veneno que mata, assim como o bom testemunho é uma isca que chama.

O cristão se caracteriza essencialmente pela fé vivida perante Deus e testemunhada diante dos homens.

7. A formação tem etapas, mas não tem limites

É importante que o processo de formação possa ser palmilhado, paulatinamente, por etapas que vão sendo assimiladas a seu tempo, como um alimento a ser ingerido conforme as necessidades. Sem formação e sem uma vivência fervorosa da fé, o cristão vê-se desnutrido, exposto às doenças espirituais, trazidas pelos ares de um mundo secularizado e indiferente às verdades da fé.

Quando a agressão aos valores cristãos invade nossos ambientes, surge a necessidade de conhecer as bases doutrinárias.

Considerando que o Evangelho deve penetrar em todos os ambientes, o seu anúncio caberá, na maior parte, aos leigos. Se estes não estiverem suficientemente preparados, o evangelho simplesmente deixará de ser anunciado. O “depósito da fé” foi entregue à Igreja Apostólica e não à interpretação das pessoas. O autêntico cristão, com a vida fundada em princípios doutrinários da Igreja e em bases bíblicas, não corre o risco de viver um cristianismo passivo, mas é alguém que se sente Igreja e se compromete com ela, porque se identifica bem como membro e mais ainda como filho. As profundas mudanças socioculturais e religiosas exigem uma fé adulta, iluminada e firme em suas convicções. A formação torna-se exigência diante de culturas tão diversas.

A formação é prioridade no Movimento das ENS desde as origens. É indispensável conhecer melhor, pois não guardamos por muito tempo o que não conhecemos. A ignorância faz com que se joguem fora facilmente coisas valiosas. Uma Equipe que joga fora os valores essenciais está desacreditando o próprio Movimento. Quem permite o descrédito torna-se cúmplice. Não é apenas uma Equipe que morre, mas o Movimento que enfraquece.

O Movimento é vida, e a vida é dinâmica, sempre em movimento. O destino da vida é crescer até chegar à maturidade. A vida espiritual tem o mesmo destino. Assim como evolui o homem físico, deve evoluir o homem espiritual. Para cada etapa exige-se um alimento apropriado. A fé do tempo de criança não tem mais tamanho suficiente para o tempo de adulto. A fé que não cresce, morre.

A formação que se pretende, partindo da profissão de fé batismal, deve oferecer uma exposição orgânica e sistemática dos conteúdos fundamentais da fé e da vida cristã. Deve proporcionar certezas, mostrando as verdades, iluminando a mente, até chegar ao coração, tornando-nos testemunhas e evangelizadores.

Para meditar em casal
(pista para o *Dever de Sentar-se*)

O Dever de Sentar-se deve sempre ser precedido da leitura da palavra de Deus, meditada e partilhada entre o casal. Após a leitura meditada e partilhada, com humildade parte-se para pedir ao Senhor suas luzes e sua força. “*Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus*” (Mt 4,4). A luz do caminho vem da palavra de Deus. Quem se alimenta desta palavra caminha na luz. Um bom Dever de Sentar-se acontece quando se parte de uma escuta filial da palavra de Deus. Diante de Jesus Cristo que nos fala, o nosso diálogo tem outro sabor. Ela é o alimento da nossa formação cristã.

1. Quando começamos a nos interessar pela formação?
2. Temos sede de formação para conhecer nosso batismo, nossa Igreja e as ENS?

Para meditar em Equipe
(responder por escrito)

1. Como Equipe, estamos aproveitando os momentos de formação que o Movimento nos oferece?
2. Entre nós, quem já passou pelos três níveis de formação que são oferecidos pelo Movimento? Que transformações promoveram em sua vida?

FORMAR O CRISTO EM NÓS

1. A força da graça de Deus

Formar Cristo em nós é, em primeiro lugar, obra divina, mas Deus nada faz sem nosso consentimento e colaboração, ou seja, sem o desejo e o esforço da pessoa. **Filho de Deus não se nasce, torna-se!** O discípulo amado de Jesus, o teólogo do Novo Testamento, João, em seu evangelho, coloca o fundamento desta afirmação. “Ser filhos” é dom gratuito que o Senhor entrega aos seus escolhidos: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi*” (Jo 15,16). “*Sede, pois, imitadores de Deus como filhos amados*” (Ef 5,1).

No Prólogo do Evangelho de João, lemos esta frase: “*Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus*” (Jo 1,12). Primeiro existe a oferta por parte de Deus e, depois, vem o acolhimento por parte do homem. O diálogo com Nicodemos mostra as condições necessárias para **se tornar** filho de Deus (Jo 3,1-8). Em sua primeira carta (1Jo 3, 6-9; 5,18-19), descreve os efeitos espirituais e morais decorrentes de uma vida cristã autêntica, vivida como filho de Deus.

Do texto tirado do Prólogo, queremos destacar o verbo “TORNAR”. São João mostra que devemos entender a filiação divina como algo que também depende de nós. *Filhos de Deus nos tornamos*, não nascemos. Tornamo-nos quando “gerados do alto”, quando gerados “da água e do Espírito” (diálogo com Nicodemos).

Formar Cristo em nós é simplesmente crescer como filhos de Deus, deixar que a vida de Deus cresça. “*Importa que Ele cresça e eu diminua*”, dizia o Batista (Jo 3, 30). O Apóstolo Paulo nos dá esta garantia: “*A graça de Deus é derramada abundantemente em nossos corações*” (Rm 5,5). Esta graça tem sua força interna própria, seu dinamismo, mas ela precisa de nossa participação para mostrar sua força e poder. A graça, como semente divi-

na, precisa ser acolhida pelo solo, que deve ser preparado e cultivado. Assim, o homem determina o espaço que Deus vai ocupar na própria vida.

Esta graça, por sua força, quando acolhida, é capaz de transformar o homem interior e permitir que chegue à plenitude da “estatura de Cristo”. O cristão é um “alter christus” (outro Cristo). Isto não é nem poesia, nem fantasia piedosa, mas pura realidade. A Escritura fala do fenômeno maravilhoso do crescimento da graça no coração que a acolhe. São Paulo, para revelar esta transformação interior, vale-se da imagem do crescimento do corpo, desde a infância até a idade adulta (1Cor 3, 1-3).

Que tudo chegue à plenitude é o grande desejo de Jesus Cristo. Ele veio ao mundo para isso (Ef, 4, 10). Tudo o que Jesus Cristo fez tinha como meta a perfeição, e, em se tratando da pessoa humana, a meta é chegar à estatura do homem perfeito (Ef, 4, 12-13).

2. A imitação do exemplo de Jesus ao alcance do homem

“*Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo*”, dizia Paulo, o zeloso animador da perfeição cristã (1Cor 11,1; 4,16). Na carta aos filipenses, o apóstolo reforça: “*Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós*” (Fl 3,17).

A configuração com Cristo, ou tornar-se imagem viva de Cristo, significa ter com Jesus Cristo uma profunda intimidade, tão profunda que os santos comparam à intimidade dos esposos. Os que chegam a esta altura vivem um verdadeiro “matrimônio espiritual”. Nesta configuração com Cristo, a intimidade é tão profunda e o comprometimento de ser e viver um para o outro tão consolidado, que tanto Cristo quanto a pessoa transfigurada se dizem mutuamente: “Eu sou todo teu e para ti”. A vida dos que chegam a esta maturidade espiritual está à disposição de Cristo com uma disponibilidade total para todos os seus apelos.

3. A configuração com Cristo, segundo as Escrituras

“Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim”. “Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl, 2,20). Já chegou a plenitude dos tempos. Cristo se encontra entre nós. É Ele que nos há de transformar. O segredo chama-se fé. Paulo dizia que é este Cristo que vive em mim, em cada um dos que creem. Quando a fé nesta verdade é viva, o próprio Jesus Cristo se torna o agente de todas as ações vitais do cristão. Todas as ações são dele e lhe pertencem.

Nos “ditos de amor e luz”, São João da Cruz diz que, em algumas almas, Cristo mora como em sua casa, regendo tudo, “como dono absoluto”. Por que diz “em algumas”? Com certeza, devem ser os que creem com fé viva. *“Vai e seja feito como acreditaste”* (Mt 8,13), disse Jesus ao centurião que implorava a cura do seu criado. *“Tudo é possível ao que crê”* (Mc 9, 23). Se a fé remove montanhas, será capaz de remover os maiores obstáculos que impedem o crescimento de Cristo em nós! Não é isto que se conclui, nas palavras de Paulo, na carta aos gálatas: *“Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim”* (Gl 2,20)? *Embora vivendo na carne, a vida do cristão está espiritualizada pela fé. “Cristo habita pela fé em nossos corações”* (Ef 4,19). Não diz Ele, em outro lugar: *“Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada”* (Jo 14, 23)?

4. O amor torna o homem missionário do amor.

O amor gera ânsias de formar homens e mulheres transfigurados em Cristo. A pessoa configurada com Cristo sente arder dentro de si o mesmo zelo do Senhor Jesus. Ele morreu e se entregou para que a imagem de Deus voltasse a ser reconstruída. Não poupou esforço nem poupou a própria vida. Voltar

a recompor esta imagem é um dever de gratidão, que torna impaciente quem experimentou o amor de Deus.

O apóstolo Paulo manifestava este sentimento de amor apaixonado por Jesus Cristo, quando, escrevendo aos gálatas, dizia: “*Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto até que Cristo seja formado em vós...*” (Gl 4,19). A tristeza invadia o coração de Paulo ao ver a fé enfraquecida e, com ela, a imagem de Cristo diminuída nos cristãos, que haviam abraçado com muito ardor a fé pela pregação da Palavra de Deus, anunciada por ele.

5. Chamados a encarnar Jesus Cristo em nós.

Já não estamos mais baseados em ideias. Jesus Cristo já é uma realidade presente entre nós. “*Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de uma Mulher, para que recebêssemos a adoção filial. A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho*” (Gl 4, 4-7).

São Paulo confirma que Cristo está presente no mundo para todos, até mesmo para ele que se sente como um abortivo, o último de todos, sem méritos, pois perseguia a sua Igreja (cf 1 Cor 15, 5ss). Estará menos presente entre nós, que queremos ser seus seguidores e imitadores? Estará menos presente entre nós, que buscamos um Movimento cristológico para nos ajudar a realizar esta vocação de cristãos?

Como Paulo e como quis o Pe. Caffarel, a missão de casais cristãos é abrir caminho para que Cristo entre; abrir o coração para que o Cristo cresça; abrir a mente para que a luz de Cristo brilhe, para amar como Ele amou, para querer o que Ele quis e para pensar o que Ele pensou.

6. O desejo do Pe. Caffarel com a “criação” das ENS

Ver Cristo formado em cada um de nós. Vejamos estas três palavras: **ver Cristo; formado; em nós.**

Ver Cristo: Disse Paulo: “até ver Cristo” em vós. É Ele que tem que aparecer em mim. Eu com a minha figura, com minhas qualidades e defeitos, com tudo o que sou e onde quer que esteja.

São João da Cruz, no Cântico Espiritual, fala do “amante no amado e o amado no amante”.

Formado: Cristo “formado” é Cristo acabado, o Homem perfeito. Às vezes, nos preocupamos em adquirir os traços do verdadeiro perfil de Jesus Cristo, mas apenas por um momento, por um período da vida ou por um trecho do caminho. Não podemos nos vestir de Cristo, por alguns momentos, e depois nos despojarmos, como mudamos de roupa para algumas circunstâncias particulares. O Cristo formado não perde seus traços característicos.

Em nós: “Sofro as dores do parto até que Cristo seja formado em vós!” (Gl 4, 19). Cristo e nós estamos em jogo, porque há uma relação viva e pessoal: Cristo vivo em nós, também vivos. É uma presença pessoal de Cristo em nós, é Cristo vivo na pessoa viva.

7. A oportunidade é para todos

Deus derrama graças e carismas para que todos possam chegar ao estado de “homem perfeito”, maduros, segundo a medida perfeita de Jesus Cristo. *“É ele que concedeu a uns, ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres para aperfeiçoar os santos (...) para a edificação do Corpo de Cristo até alcançarmos todos (...) o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo”* (Ef 4, 11-13).

A vocação cristã é chegar à plenitude estabelecida pelo mesmo Senhor, que doa os dons necessários para viver, já nesta terra, de algum modo, a plenitude de vida, que será definitiva lá no Céu. *“Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou (...), nos vivificou juntamente com Cristo (...) e com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos Céus em Cristo Jesus”* (Ef 2, 4-6).

8. Os mesmos sentimentos de Cristo

Configurar-se com Cristo, tornar-se imagem viva de Cristo requer transformação do coração e da mente. O cristão vai se tornando cada vez mais cristão, mais Cristo, através da experiência. “Sentir o que Jesus sentia”, em relação ao Pai e em relação aos homens, em tudo. Talvez se possa dizer que seja este o último passo para que Cristo esteja formado no homem e mulher cristãos.

Cristo abaixou-se e veio até nós. A humildade torna-se o caminho para chegar ao estado do “homem perfeito”. Jesus chegou ser chamado de Senhor, com um nome que está sobre todo nome (Fl 2, 9-11). O caminho que levou Jesus à plenitude de “homem perfeito” foi o da humildade e o da obediência ao plano do Pai.

O nome de cristão vem de Cristo. Cristo é a origem do cristão. O caminho de Cristo deve ser o do cristão: humildade e obediência ao plano de Deus. Humildade, outra coisa não é, senão “*andar na verdade*” (Santa Teresa de Jesus). Jesus Cristo é a Verdade. A obediência ao plano de Deus é buscar a Verdade: portanto, buscar Jesus Cristo, escutar sua voz, sua palavra, sua mensagem.

9. Somos cidadãos do Céu

Somos cidadãos do Céu transitando pela terra. Só se chama Pátria aquela que é definitiva. Somos peregrinos até chegar ao que é definitivo. Qualquer lugar em que nos possamos encontrar é sempre terra estranha, um albergue para passar a noite da vida. A terra é o deserto pelo qual transitamos.

O deserto é sempre incômodo e caminhar por ele é pesado e cansativo. Só a Pátria que buscamos pode servir de alento na travessia do deserto da vida. Somente depois de descobrir e depois de nos encontrarmos com Cristo, estaremos aptos para avaliar os valores deste mundo, o valor da esperança. “*Nossa cidade está nos Céus, onde também esperamos ansiosamente, como*

Salvador, o Senhor Jesus Cristo que transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso” (Fl 3, 2-21). O que dá solidez à nossa esperança é a presença de Cristo.

A transformação em Cristo começa nesta vida terrena e pode alcançar altos níveis neste mundo. “Nós todos que, com a face descoberta refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados, nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Espírito do Senhor” (2 Cor 2, 18).

Para meditar em casal
(pista para o Dever de Sentar-se)

Que sensação tiveram comparando a sua vida com a mensagem deste tema? Há carências ou apenas necessidade de reavivar o que já estão fazendo? Acreditam que podem crescer e ter disposição para tanto?

1. O nosso dever de sentar-se inclui a preocupação com o crescimento espiritual?
2. Temos refletido sobre a necessidade de formar Cristo em nós?

Para meditar em equipe
(responder por escrito)

A equipe é uma “pequena Igreja”, onde nos encontramos para nos alimentar espiritualmente, para buscar a luz do Senhor:

1. Vamos às reuniões mensais com a consciência de que podemos nos fortalecer na decisão de nos tornarmos imagem e semelhança de Deus segundo o modelo que é Jesus Cristo?
2. Existe, em nossa equipe, uma mútua ajuda que tenha como objetivo o crescimento espiritual? De que modo acontece ou como podemos introduzi-la?

*Tanto a Palavra
contida na Sagrada
Escritura, como a
transmitida oralmente
pela tradição se
constitui num
verdadeiro dom de
Deus para a realização
do projeto de salvação.
Nem sempre somos
conscientes desta
verdade.*



A PALAVRA DE DEUS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

1. A Sagrada Escritura no processo de formação

A santidade do leigo, assim como a do sacerdote e do religioso, se desenvolve e cresce pela oração, pela escuta da Palavra de Deus e pela vida sacramental.⁹ A Sagrada Escritura é fonte inesgotável de alimento para a vida cristã, que consiste, essencialmente, seguir a Jesus Cristo. Cristo é o alvo de todo aquele que busca a santidade. Caminhar em direção a Cristo, a Palavra eterna do Pai, caminho de santidade para todos, é o que interessa.

Conhecer e seguir, dois verbos que pedem ação do sujeito. Não se segue se não se conhece; não se conhece Jesus de verdade enquanto não se sente um especial atrativo de segui-lo. O seguir supõe o conhecer e o conhecer leva ao seguimento.

O caminho para o conhecimento de Cristo é a Palavra revelada que se encontra nas Sagradas Escrituras. Esta Palavra se faz caminho quando escutada e meditada. A leitura da Palavra, seguida pela meditação, leva, segundo o grande mestre do caminho da perfeição, o Apóstolo Paulo, ao “sublime conhecimento de Jesus Cristo” (Fl 3, 8).

2. Aproximar-se da Escritura é ir ao encontro de Cristo

Não temos noção do que acontece toda vez que nos aproximamos da Escritura para ler e escutar. “*Ignorar as Escrituras é ignorar Jesus Cristo*”, dizia o mestre das Escrituras, São Jerônimo.

A Revelação para nós é um ato pelo qual Deus fala aos homens. A Revelação é um diálogo de pai falando ao filho e, neste diálogo, Deus, que é “Pai e Mãe”, na bela nova trazida pelo saudoso João Paulo I, abre seu coração, sai do seu mistério

9. Catecismo de adultos

e revela tudo o que Ele é, um mistério de amor, e tudo o que Ele espera do homem, a santificação. “*Aprove a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade*” (Ef 1, 9). O mistério de amor de Deus se descobre quando se adentra na sua Palavra, que, como a chuva, não volta sem produzir seus efeitos (cf. Is 55, 10-11).

3. Lugar da Escritura na vida cristã

O conhecimento e a valorização espiritual da Palavra de Deus exercem uma profunda influência tanto na fé como na vida cristã. Tanto a Palavra contida na Sagrada Escritura, como a transmitida oralmente pela tradição se constitui num verdadeiro dom de Deus para a realização do projeto de salvação. Nem sempre somos conscientes desta verdade. O que fazer para que uma necessidade objetiva se torne um interesse vivo de cada pessoa?

O desconhecimento ou a privação da Palavra de Deus provoca o empobrecimento da vida espiritual. O profeta Amós nos adverte com estas palavras: “*Eis que virão dias em que enviarei fome à terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra de Iahweh*” (Am 8,11). Sentimos nós a fome desta Palavra? O ponto concreto de esforço a Escuta da Palavra está um pouco longe de ser bem entendido entre nós, membros das ENS! Quando as coisas soam como uma obrigação e não como uma necessidade, significa que não chegamos à compreensão do que é.

Depois do Concílio Vaticano II as coisas mudaram para melhor. Para muitos cristãos, a Bíblia passou a ocupar o lugar que lhe corresponde na vida dos fiéis. A Igreja sempre a considerou, juntamente com a Sagrada Tradição, como fundamental fonte de alimento para a fé. Ela nos comunica a palavra de Deus e por ela podemos escutar o Espírito Santo que nos fala através destes homens escolhidos por Deus, os proféticos e apostólicos.¹⁰

10. Dei Verbum, 21

A Sagrada Escritura é Palavra de Deus, enquanto inspirada pelo Espírito Santo.¹¹ “A profecia jamais veio por vontade humana, mas os homens inspirados pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus” (2Pd 1,21). “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3,16). “A Bíblia não apenas contém a Palavra de Deus, mas é a mesma Palavra de Deus.”¹² Esta é a fé da Igreja. Sendo a Palavra de Deus, comunica a verdade, que é Jesus Cristo. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). É Palavra de Deus escrita em palavra humana.¹³

4. A Igreja é mãe e mestra da Palavra de Deus

O conhecimento da doutrina da Igreja é necessário para que a Palavra de Deus não sofra empobrecimento por falsas interpretações. Jesus confiou sua Palavra à Igreja. Ela é a serva da Palavra e tem a missão de anunciá-la e interpretá-la para que todos se tornem discípulos de Jesus.

No documento *Tertio Millennio Adveniente*, João Paulo II fez um forte apelo para que os fiéis voltem à leitura e à meditação da Bíblia, pois não há autêntica formação cristã sem este alimento da Palavra, escutada em atitude de discípulo. A Escritura é fonte viva de alimento espiritual. Ela é escola e mestra dos que buscam a verdade sobre Deus, sobre a Igreja, sobre o homem e sobre as coisas criadas. A profundidade da vida cristã é proporcional à profundidade do conhecimento da Palavra de Deus, iluminada pela experiência e pela luz do autêntico Magistério da Igreja.

A Igreja, com o Concílio Vaticano II, quer revestir-se de uma nova vida, voltando-se para a Palavra de Deus. A Palavra de Deus é “viva e eficaz” (Hb 4, 12). Precisamos ouvir para crer; crer para esperar e esperar para amar.¹⁴

11. Dei Verbum, 9

12. Dei Verbum, 24

13. Dei Verbum, 11

14. Dei Verbum, 1

5. Formar-se para escutar

Escutar não é coisa tão fácil. Para ouvir basta ter ouvidos, mas para escutar são necessários outros ouvidos. A espiritualidade dos casais nas ENS tem sua fundamentação na rocha da Palavra de Deus. Formar casais cristãos comprometidos com a Igreja, para evangelizar casais, obriga ir direto a esta fonte da sabedoria divina: a Escritura Sagrada.

Todos sabem que uma palavra dita com amor toca e ilumina o coração. Escutar não é apenas ler para conhecer o significado das palavras. A Escritura é Deus, falando com amor para revelar-se como Pai, como amigo, para dar-se a conhecer. É próprio de quem ama dar-se a conhecer, abrir o coração para o amado. É Deus, abrindo seu coração para que homens e mulheres vejam e sintam quem é Ele. A Escritura é a fonte em que jorra o rio do amor de Deus. É Deus que vem ao nosso encontro para se tornar íntimo, familiar. *“Não mais vos chamo de servos... mas eu vos chamo de amigos porque tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer”* (Jo 15,15). A Escritura contém tudo o que o Pai falou.

Escutar é conhecer a verdadeira história de amor. Escutar é abrir-se a Deus para acolhê-lo na Palavra. Escutar é colocar-se junto ao poço e, como a samaritana, escutar o Mestre até descobrir a água viva, sentir sede dela e, confiantemente, pedir que nos dê sempre desta água. Escutar é ter a atitude de Maria, irmã de Marta e Lázaro, saber sentar-se aos pés de Jesus com a certeza de estar escolhendo a melhor parte. São Paulo, dirigindo-se às mulheres que o escutavam, disse: *“uma delas, chamada Lídia (...), adoradora de Deus, nos escutava. O Senhor lhe abriu o coração, de sorte que ela aderiu à Palavra de Deus”* (At. 16, 14).

Escutar é aprender abrir o coração para receber palavras de quem é pai, de quem é amigo, de quem é irmão, de quem sabemos que nos ama. Deus fala aos homens como quem fala com os amigos (Ex 33,11; Jo 15,14-15); fala com amigos como quem se entretém (Br 3,37-38), para convidá-los a viver em comunhão com ele.¹⁵

15. Dei Verbum, 2

A Bíblia não é um livro inerte com palavras sem vida. Por ela, entramos em contato com Deus, que nos ama e que nos acompanha passo a passo. Quando escutamos com humildade e reconhecimento acontece um fato novo em nós: como quando recebemos um sacramento, Deus age em nós com a sua graça e nos vai conformando ao seu Filho.

O amor é o ouvido de quem sabe escutar. É o amor que capacita para acolher, é o amor que abre o coração para guardar a Palavra, o amor é que grava no coração a Palavra escutada. Quem sabe escutar faz da Palavra de Deus o seu caminho, a sua luz e sua regra de vida.

6. Cristo é a Palavra Viva

A Palavra em Jesus de Nazaré revelou-se Pessoa divina. É comum alguém dizer ter encontrado, na Escritura, uma palavra que transformou o coração e o induziu a seguir Jesus. Na história da Igreja, os exemplos são numerosos. Santo Agostinho começou ver sentido na vida quando leu a frase do Apóstolo Paulo: *“Pois, se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se pelo espírito fizerdes morrer as obras da corpo, vivereis. Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus”* (Rm 8,13-14). Estas palavras eram a radiografia de sua vida precedente e foram as que determinaram a sua decisão de tornar-se cristão.

É a Palavra que gera cristãos. *“Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”* (Mt. 4,4). Cristo é o “Pão vivo” (Jo 6,51), mas, antes de se tornar Pão, era Palavra do Pai. Nós, que cremos, vivemos da Palavra de Deus que nos foi entregue na Escritura, incessantemente atualizada pelo Espírito Santo, mediante a Tradição viva da Igreja.

Jesus quer revelar-se aos homens. Ele é a revelação perfeita de Deus, é a plenitude da revelação de Deus, a revelação do amor de Deus. *“Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas; agora, nestes últimos dias, falou-nos por meio de seu Filho”* (Hb 1,1-3; 1Pd 1,20; 1Jo 1,1-4).

Desde a Encarnação, Cristo, Palavra eterna do Pai, nos fala de pessoa para pessoa.

“Como a chuva e a neve descem do Céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não torna a mim sem fruto” (Is 55,10-11). Jesus Cristo não voltou ao Pai sem cumprir sua missão. O fruto da missão de Jesus é o cristão que vive como tal. Eu posso ser a fecundidade de Cristo ou posso esterilizar sua Palavra e sua missão na terra. *“O cristianismo não é a religião de um livro, mas a religião da Palavra encarnada e viva.”*¹⁶ A Palavra de Deus, viva e eficaz, convoca a Igreja e gera os cristãos.

A Palavra, proclamada na Igreja, não só tem como conteúdo central Jesus Cristo, Crucificado e Ressuscitado, mas é o mesmo Senhor que fala e faz ressurgir para uma nova vida.¹⁷

6. A Palavra de Deus e as ENS

Na vida das ENS, **a Escuta da Palavra** é um ponto concreto de esforço; uma coluna de sustentação da sua espiritualidade, responsável por um dos alimentos indispensáveis pelo sustento da vida espiritual do casal equipista. Deus invisível (Cl 1,15) revela-se por seu grande amor, falando aos homens como a amigos (Ex. 33,11; Jo 15,14ss); revela-se conversando com eles (Br 3,38); revela-se para convidá-los a estarem com Ele, em sua companhia. Tudo isto ele o faz através da Palavra. Casal que dispensa este alimento, comece a questionar-se por que razão está nas ENS. A identidade do Movimento das ENS tem o forte acento na Pessoa de Jesus Cristo, descrito nas palavras da Sagrada Escritura, seu verdadeiro retrato falado.

As ENS convidam os casais para a escuta diária, sugerindo um tempo, aparentemente insignificante, mas suficiente para transformar a vida do casal. Ao menos 1/96 do dia, colocado

16. São Bernardo de Chiaravalle

17. Catecismo de adultos

para estar com o Senhor, é o que basta para o milagre da transformação. Tal é o poder transformador da Palavra que alimenta a oração! Pretender “formar-se para amar e servir”, sem entrar nesta água, sem “lançar as redes” em águas mais profundas, nas águas da Palavra de Deus, lida, refletida e meditada, é expor-se a passar a noite da vida sem nada apanhar, sem ver a transformação do casal e de quem quer que seja, apesar de longos anos nas ENS.

O tempo não transforma o coração de ninguém, mas a Palavra de Deus, sim, quando escutada como Palavra de Deus. Os serventes da festa de casamento nas Bodas de Caná escutaram e fizeram o que Jesus mandou. A transformação é obra d’Ele em favor de quem o escuta com fé obediente (Jo 2,1-12). A aproximação da Palavra de Deus faz parte da formação dos casais das ENS.

Para meditar em casal (pista para o Dever de Sentar-se)

Ler o texto de Hb 4, 7-12. O salmo 119 nos conforta falando da palavra de Deus: “*É luz para os olhos e lâmpada para os pés*” (Salmo 119,105). O segredo de toda transformação espiritual está no acolher a palavra e no saber guardá-la no coração.

1. O tempo utilizado para escuta da Palavra de Deus é tempo adequado ou um resto do dia?
2. A Escuta da Palavra com os demais PCEs são vistos como uma necessidade ou como uma “obrigação”?

Para meditar em equipe (responder por escrito)

1. Na reunião de equipe, a Escuta e a Meditação da palavra de Deus têm um tempo que o momento merece?
2. Como nos preparamos para esse momento da reunião e que clima espiritual criamos para que ele aconteça?

A missão do Espírito Santo é conduzir o homem à comunhão com Deus. Por meio do Espírito Santo que o amor de Deus é derramado em nossos corações, permitindo que o Pai e o Filho venham a nós e em nós estabeleçam sua morada. Por meio do Espírito Santo, nos tornamos irmãos de Cristo, capazes de nos relacionar com o Pai da mesma forma como Jesus se relaciona.



O ESPÍRITO SANTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

1. O Espírito Santo, Mestre no caminho da santificação

A perfeição tem exigências que reclamam um bom mestre. Portanto, não podemos falar em metas tão elevadas como a de “amar como Deus ama” sem apelar para o Mestre da arte de amar, o Espírito Santo. É muito significativo perceber que, desde os primeiros versículos da Bíblia até os últimos, o Espírito Santo está presente (Gn 1,2; Ap 22,17). A história bíblica, do Gênesis, com a criação do mundo, até o Apocalipse, desenvolve-se impulsionada pelo poderoso “sopro” criador de Deus. O Espírito Santo é a onipotência do amor; ele é o arquiteto e o executor do projeto no mundo: ele é quem faz todas as coisas (Jó 34,14-15); ele é a origem da vida (Jó 12,10; Is 42,5); ele suscita os profetas (Nm 11,29; 1Sm 19,20; Is 61,1; Ez 2,2; Gl 3,1-2); os pecadores são justificados por ele (Sl 51,12-13; Ez 36,26-27); ele ressuscita os mortos (Ez 37,1-14).

O Espírito Santo manifesta-se em toda a plenitude na pessoa e na vida de Jesus Cristo, o Filho de Deus (Mt 3,16; Mc 1,9-12; Jo 1,32; At 10,38). É graças a Ele que nos tornamos criaturas novas, capazes de amar (Rm 1,3; 8,9-11; Cl 3,10). Mateus e Lucas revelam a ação criadora do Espírito Santo no nascimento virginal de Jesus (Mt 1,18-24; Lc 1,26-37), realizando o impossível aos olhos humanos: “*O Espírito Santo virá sobre ti*” (Lc 1,35), disse o anjo a Maria, que perguntou como seria isso; e José, seu esposo, ouviu da boca do anjo: “*Não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo*” (Lc 1,20).

O Espírito Santo quer realizar em cada um de nós o que parece impossível - tornar-nos semelhantes a Deus, capazes de amar como ele ama - graças ao seu poder transformador. “*Para Deus, com efeito, nada é impossível*” (Lc 1,37). A santidade

do casal é meta possível e realizável; faz parte do projeto de Deus. Quem fez o homem partindo de um punhado de argila (Gn 2,7), pode fazer muito mais quando o Espírito Santo encontrar acolhimento.

2. Missão do Espírito Santo

A missão do Espírito Santo é conduzir o homem à comunhão com Deus. Esta é a máxima dignidade do homem.¹⁸ É por meio do Espírito Santo que o amor de Deus é derramado em nossos corações, permitindo que o Pai e o Filho venham a nós e em nós estabeleçam sua morada (Jo 14,22-23). Por meio do Espírito Santo, nos tornamos irmãos de Cristo (Rm 8,14-17), capazes de nos relacionar com o Pai da mesma forma como Jesus se relaciona, “*pois recebemos um espírito de filhos adotivos pelo qual clamamos ‘Abbá, Pai!’*. E, se somos filhos, somos também herdeiros” (Rm 8,15.17).

O Espírito Santo é a força do amor, é a força de Deus, e “Deus é amor” (1Jo 4,16). É ele que conduz para que tudo se cumpra segundo o plano de Deus.¹⁹ O Espírito Santo “*sopra onde quer*” (Jo 3,8), dando vida e santificando. O lugar onde “*floresce o Espírito Santo*”²⁰ é a Igreja.

A Igreja encontra a força do crescimento e florescimento no Espírito Santo que lhe foi enviado, como percebemos nas primeiras comunidades cristãs e em todas aquelas que a elas se assemelham. A equipe é uma pequena comunidade cristã, é uma pequena Igreja, lugar privilegiado para um florescimento espiritual que revela e prova a presença do Espírito Santo.

Jesus, desde o início de sua missão, sempre se preocupou em criar um pequeno grupo ao redor de si, para servir-se da ajuda deles e com eles vivia vida comunitária. O chamado acontecia de forma muito espontânea; chamava alguns dos

18. Gaudium et Spes, 19

19. Santo Agostinho, “Confissões”, 13,7,8

20. Santo Hipólito de Roma, *La tradizione apostólica*, 35

que encontrava pelo caminho por onde andava. Encontrou-se com pessoas muito generosas. O amor feito dom e serviço aprende-se vivendo em comunidade. Acreditamos que Jesus Cristo está presente quando reunidos em seu nome (cf Mt 18, 20). Estando reunidos por ordem de Jesus, receberam o Espírito Santo, alma da comunidade, vida da comunidade (At 2, 1ss). Aqueles homens medrosos tornaram-se corajosos e valentes empreendedores depois de receberem o Espírito Santo. Jesus está presente na comunidade reunida.

A reunião de equipe é o cenáculo da vida do Movimento. Neste momento a equipe é uma Igreja viva à semelhança do grupo reunido no cenáculo no dia de Pentecostes. Neste dia e nestas horas em que a equipe está reunida temos a sensação de aí estarmos por convocação de Jesus Cristo. Por esta razão, como os apóstolos ao serem chamados, deixamos tudo (cf Mc 1, 16-20).

Na reunião de equipe é quando fazemos experiência de estarmos reunidos em nome do Senhor. A reunião de equipe passa a ser como a Missa dominical: o centro e o ponto culminante da vida da Igreja. Como na Missa dominical, somos chamados e convocados pelo Espírito Santo para nos encontrar com o Senhor, em comunidade viva, fazendo experiência de uma autêntica fraternidade, onde, juntos, escutamos a palavra, refletimos o que o Espírito nos sugere, partilhamos como vivemos esta palavra durante o mês, partilhamos os alimentos e o fruto do nosso trabalho com a cotização. Não existe verdadeira Igreja sem Eucaristia e não existe uma verdadeira equipe sem a Reunião de Equipe.²¹

3. A importância da presença do Espírito Santo

O Espírito Santo não busca manifestações externas, mas prefere a via silenciosa que conduz ao coração. “*Dar-vos-ei um coração novo*” (Ez 36,26ss).

21. Pe. Caffarel. A Ecclesia. In.: ENS no Brasil, Ensaio sobre seu histórico.

“Sem o Espírito Santo, Deus fica longe, Cristo torna-se um personagem do passado, o Evangelho fica letra morta, a Igreja uma simples organização, a autoridade uma dominação, a missão uma propaganda, o agir cristão uma moral de escravos (...); mas no Espírito Santo o homem luta contra a carne, Jesus Cristo, Senhor nosso, é presente, o Evangelho é força vital, a Igreja é sinal de comunhão trinitária, a autoridade é serviço, a missão é um Pentecostes e o agir humano é divinizado.”²²

4. A docilidade ao Espírito Santo

Crer no Espírito Santo significa deixar-se guiar por ele para responder com lucidez e confiança ao chamado do Senhor. Jesus prometeu dar o Espírito e o apóstolo Paulo dá testemunho quando diz que o Espírito de Deus habita em nós (Rm 8,9-11).

Crendo na sua presença, seremos dóceis, obedientes e abertos para escutá-lo. A santidade não exige heroísmos, apenas o acolhimento do Espírito Santo e fé na sua força e poder. Chamamos de santa a pessoa que se deixa iluminar e guiar por essa luz. O homem é santo quando vive da vida comunicada pelo Espírito Santo (2Cor 3,13).

Para nada servem as boas e santas intenções e nem mesmo os maiores esforços para mudar de vida sem o poder e a força do Espírito Santo. É ele o autor das transformações, o criador das motivações e o despertador dos santos desejos de perfeição. Antes de receber o Espírito Santo, aqueles homens eram cheios de boas intenções, tinham uma santa convivência com Jesus, mas a pedra de toque para a transformação daqueles homens foi o Espírito Santo derramado por Jesus. A verdadeira identidade do cristão torna-se visível quando em seu coração for derramado o Espírito do Senhor.²³

22. IV Assembleia Mundial das Igrejas, Uppsala, 1968, discurso de Ignatius Hazim, metropolita de Lattaquié, Laodiceia).

23. Pe. Caffarel. Testamento Espiritual. In.: ENS no Brasil, Ensaio sobre seu histórico

É o Espírito Santo que nos abre os olhos para guiar-nos como fez com Paulo (At 9,18). Iluminado por aquela luz, abriram-se-lhe os olhos e ele reconheceu a voz que disse: “*Saulo, Saulo, por que me persegues?*” (At 9,4). A luz do Espírito abriu seus olhos e ele tornou-se dócil e obediente. O Saulo transformou-se em Paulo, apaixonado de amor por Jesus Cristo.

5. O dom do amor

O Espírito que recebemos de Jesus Cristo transfigura o amor humano em amor divino, especialmente na vida conjugal e familiar. De amor fala-se muito, escreve-se muito! Contudo, parece difícil apreender o amor como mensagem central de Cristo. O evangelista João falava tantas vezes do amor que lhe perguntaram a razão de falar sempre do mesmo assunto. Falar de amor nunca é suficiente, nunca podemos dizer que basta, pois é essencial na vida dos discípulos de Jesus. É o amor que nos identifica como cristãos e que nos torna comunidades vivas: “*Nisto conhecereis que sois meus discípulos*” (Jo 13,35).

Quando os chamados (convocados) começaram a descobrir quem era que os chamava e começaram a perceber que faziam parte de uma família, espontaneamente passam a colocar tudo em comum. Era grande a alegria entre eles. Não é justamente isto que acontece nas nossas reuniões de equipe, quando fazemos a partilha, quando coparticipamos tudo o que acontece na vida? Contam os Atos dos Apóstolos que era grande a repercussão deste estilo de vida que fascinava e fazia crescer cada dia o número dos discípulos (cf At 2,47). Quando, na equipe, reina aquele espírito das primeiras comunidades cristãs, esta equipe se torna um raio de luz que brilha e ilumina sem que nos apercebamos, um fermento na massa da sociedade.²⁴

24. Pe. Caffarel. Testamento Espiritual, 265. In.: ENS no Brasil, Ensaio sobre seu histórico

Sobre o amor precisamos entender o seu verdadeiro significado evangélico. O amor típico de um cristão deve ser aquele que Santo Tomás de Aquino chama de “amor de benevolência”, de “amizade”. É com esse amor que Deus nos ama e é com esse amor que devemos amar a Deus. Amar a Deus por aquilo que é e amar o próximo por causa de Deus.

Para os que querem seguir Jesus, ele tem mais um dom especial para oferecer: o dom de “dar um pouco mais, sempre mais”: é o dom da *radicalidade*. Quem ama quer dar sempre mais. Levamos dentro de nós alguma coisa que pede radicalidade e que é difícil de entender: sempre pensamos que podemos dar mais, porque o amado merece mais. Quem fica nos limites do que é puramente racional ainda não ama sobrenaturalmente.

A medida do amor é dar sem medida (São Bernardo). Quem entende este ‘raciocínio’ do coração entende o chamado à santidade.

6. Nossa resposta aos dons de Deus

A vida é um grande dom, que suscita resposta. A bondade de Deus é acolhida pela oração, e a oração é o eco do amor acolhido. A oração, gesto de gratidão e de súplica, é uma exigência para que os dons de Deus não sejam como a semente lançada entre espinhos, à beira do caminho, ou em terreno pedregoso (Mt 13,1ss).

Os dons de Deus devem ser constantemente recordados e, por isso, a escuta da palavra de Deus nos traz à memória os benefícios de Deus. Para enamorar-se de Deus é necessário contemplá-lo, fixar o olhar na sua identidade, e ver o jeito como ele olha para nós. O amor de Deus é um dom permanente do Espírito Santo, que se nutre da palavra de Deus na oração.

A oração passa a ser o veículo pelo qual chega até nós este amor. Aliás, a própria oração é um dom do Espírito. Mas o dom por excelência do Espírito Santo é o amor mútuo (1Cor 12,31). A melhor resposta ao amor de Deus é o nosso amor aos irmãos.

7. Como age o Espírito Santo em nossa vida

O amor floresce nos santos. Por isso, é nos santos que devemos ver do que é capaz o Espírito Santo. Não há momento na vida em que não se possa ver o dedo de Deus:

- Age nas provações. Quando a vida começa a tornar-se pesada, é então que o Espírito Santo abre o coração e aponta o alvo do nosso olhar. Não diz a Escritura que a provação gera esperança? (Rm 5,3-5). *“A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Rm 5,5).
- Age pela oração, pois ela mesma já é um dom do Espírito Santo (Rm 8,26). Quando, no silêncio da oração, abrimos o coração para escutar, ganhamos forças para tomar decisões corajosas.
- Age pela caridade fraterna. O dom por excelência do Espírito Santo é o amor fraterno, tal como vem descrito no capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios. É a fraternidade que torna viva e fecunda a reunião de equipe.

8. O Espírito é o Mestre do cristão

“Ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26). A história da Igreja encerra-se nestas promessas que se cumpriram até hoje e cumprir-se-ão até o fim dos tempos. Na história da Igreja, não há nada de novo e, ao mesmo tempo, tudo é novo, pois onde é o Espírito que age, tudo é novo. *“Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade”* (Hb 13,8), mas os nossos limites de compreensão fazem com que haja um crescente no conhecimento.

Os santos são um testemunho das maravilhas que o Espírito Santo é capaz de produzir, maravilhas diferentes. Os santos, com rostos tão diferentes, são um documento histórico do poder transformador do Espírito Santo. Os diferentes carismas que o Espírito suscita na Igreja mostram a riqueza de dons por ele suscitados, para que a Igreja, Esposa de Cristo, apareça

cada dia mais bela e mais resplandecente, sem mancha e sem ruga (cf. Ef 5,27), como merece o divino Esposo Jesus Cristo.

“O Espírito Santo leva a Igreja à verdade plena e a unifica na comunhão e no ministério. Com os diversos dons hierárquicos e carismáticos a instrui, dirige e enriquece com seus frutos.”²⁵

Quem é, de fato, Jesus Cristo, nós o sabemos pelos testemunhos. A palavra morre se não for vivificada pelos testemunhos. Quanta responsabilidade pesa sobre nós, quando nos conscientizamos de que podemos esterilizar a semente fecunda da Palavra de Deus e os dons do Espírito Santo!

Para meditar em casal (pista para o Dever de Sentar-se)

Os apóstolos estiveram reunidos por dez dias no Cenáculo para preparar-se para receber o Espírito Santo. O Espírito Santo é um dom que precisamos pedir, mas também precisamos nos preparar para acolhê-lo, criar um clima interior de silêncio e de oração. Jesus, ao subir ao céu, pediu que não se dispersassem, mas permanecessem unidos, em oração.

1. O Espírito Santo é o dom fundamental que devemos pedir (Lc 11,13). Nós, casal, pedimos este dom de Deus em nossa oração, para amarmos mais e melhor?
2. Manifestamos interesse em “conhecer” o Espírito Santo pelo caminho do estudo e da oração interior?
3. Vemos no Retiro um grande momento para interagir com o Espírito Santo?

Para meditar em equipe (responder por escrito)

1. Os apóstolos, os mártires, os santos, com a sua vida, com a sua coragem na aceitação da morte violenta, gritaram para o

25. Lumen Gentium, 4

mundo quem é Jesus Cristo! A nossa vida torna Jesus Cristo acreditável?

2. Como pessoas, como casal e como equipe, comunidade viva, como Igreja enfim, somos testemunhas de Jesus Cristo? Deixamos o Espírito falar pela nossa vida?
3. Será que nossa Equipe de Nossa Senhora é uma pequena Igreja, uma Ecclesia, reunida em torno do Cristo que chama, ensina e que forma derramando o seu Espírito Santo em cada um dos casais, ou não passa de um círculo de estudo e discussão entre amigos?²⁶

26. Pe. Caffarel, Testamento Espiritual, 274. In.: ENS no Brasil, Ensaio sobre seu histórico

Jesus Cristo amou a Igreja e se entregou por ela (Ef 5,25), sem poupar a própria vida. Os momentos doloridos não podem diminuir o amor à Igreja, mas devem fazer amar mais, pois é amando que podemos curar. É pelo amor que nos tornamos membros vivos e eficazes da Igreja.



AMAR A IGREJA: CAMINHO PARA AMAR A CRISTO

1. O Pe. Caffarel e a Igreja que ele amava

O Papa João XXIII, em 25 de janeiro de 1959, convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II, o maior evento da Igreja do século XX. O Pe. Caffarel, “*uma figura das mais importantes dadas por Deus à sua Igreja no transcorrer deste século*”²⁷, homem apaixonado pela Igreja, “profeta do século XX”, na expressão do Cardeal Lustiger, não poderia estar ausente neste acontecimento.

Caffarel foi nomeado consultor da “Comissão Pontifícia para o Apostolado dos Leigos” preparatória do Concílio Vaticano II. A oportunidade não poderia ser melhor para quem tinha uma tão grande mensagem para a Igreja, sobre a espiritualidade conjugal, o amor humano e o matrimônio. Foi-lhe oferecido o terreno fértil para um florescimento esperado e urgente para Igreja.

Deus, fonte de toda inspiração, chamou o Pe. Caffarel para este singular evento; e ele não desperdiçou a oportunidade: falou e foi ouvido.²⁸

Apelo do Pe. Caffarel: dar aos casais o merecido lugar na Igreja.

Num dos seus relatórios ele afirmava: “*A Igreja não pode limitar-se a pensar nos leigos como celibatários, vivendo isoladamente. É preciso também, e em primeiro lugar, interrogar-se sobre os casais cristãos... e a maneira pela qual o casamento cristão é hoje compreendido*”. A sua nota quer chamar a atenção da Comissão para o Apostolado dos Leigos, para os aspectos do casamento cristão, que requerem “**estudo e solução**”. Do resumo de sua nota destacamos:

- “*O casal cristão está não somente ameaçado, como contami-*

27. Palavras do Cardeal Lustiger, Guia das ENS, 09

28. Jean Allemand, Um homem arrebatado por Deus, 121

nado pelo ambiente pagão do mundo em que está imerso hoje (este “hoje” é muito atual).

- Para protegê-lo e ajudá-lo a realizar o pensamento divino sobre o matrimônio, impõe-se à Igreja:
 1. Um esforço pastoral melhor refletido e mais eficaz;
 2. Um aprofundamento doutrinal;
 3. Ser a educadora espiritual dos casais católicos”.²⁹

O fruto deste esforço, pastoral e doutrinal, “permitirá suscitar casais que tragam à Igreja não só a riqueza de sua vitalidade espiritual, como também a sua insubstituível cooperação na expansão do reino de Deus”.³⁰

O Vaticano II fez-se eco da voz do Pe. Caffarel e dedicou amplos espaços para os fiéis leigos e casais cristãos no seio da Igreja.

2. O amor da Igreja pelos casais das ENS

“Caros filhos, não sois desconhecidos para nós.”³¹ Somos um Movimento de Igreja, aprovado e reconhecido pública e oficialmente. Somos um Movimento valorizado pela Igreja, não por retórica, mas pelos frutos (Mt 7,16-17).

Entusiasmam-nos as palavras do Papa João XXIII, dirigidas aos mil casais presentes na peregrinação a Roma, em maio de 1959: “Prossegui com confiança e humildade vosso esforço para buscar a perfeição cristã no panorama de vossa vida conjugal. Grande riqueza e grande esperança para a Igreja representa a multiplicação de lares cristãos, cujos esposos querem, segundo os termos dos vossos estatutos, que seu amor mútuo, santificado pela graça, purificado pelo sacrifício, seja um louvor a Deus, um testemunho apresentado diante dos homens, da santidade do matrimônio e uma reparação dos pecados que se cometem contra ele.”³²

“O aparecimento e o desenvolvimento das ENS na Igreja é um

29. Jean Allemand, Um homem arrebatado por Deus, 122

30. Jean Allemand, Um homem arrebatado por Deus, 122

31. Paulo VI, Discurso aos casais das ENS, reunidos em Roma, 4 de maio de 1970

32. In.: Nancy Moncau. O sentido de uma vida, p. 145

*acontecimento de Igreja muito grande.*³³ O Cardeal Eduardo F. Pirônio, do Pontifício Conselho dos Leigos, no documento de reconhecimento do Movimento das ENS diz: *“Possa este reconhecimento oficial reforçar ainda mais o vínculo de fidelidade à Igreja e ao seu magistério.”*³⁴

3. Como e quando nasceu a Igreja

Certa vez em que a multidão se comprimia ao redor de Jesus para ouvir a palavra de Deus, à margem do Lago de Genesaré, Ele viu duas pequenas barcas paradas. Subiu numa das barcas, a de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra. Disse a Pedro: *“faze-te ao largo; lançai vossas redes para a pesca”* (Lc 5,1-4). *“Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens”* (Lc 5,10). Podemos dizer que a Igreja nasceu nesse momento. Depois, com o sopro do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, ela revestiu-se de forças para se lançar para a missão.

O Pentecostes, poderíamos pensar, foi como que o momento em que Jesus disse a Pedro: *“Faze-te ao largo; lançai vossas redes para a pesca”* (Lc 5, 10). A Igreja nasceu da Páscoa de Cristo, quando Jesus passou deste mundo para o Pai (cf. Jo 13, 1). Com Cristo, que sai do sepulcro glorioso, nasce uma nova humanidade (Ef 2,15; Gl. 6, 15), uma nova criação. A Igreja de Cristo, para o Concílio Vaticano II, é o segundo estágio da obra da criação. No primeiro estágio, Deus criou o homem, elevado à ordem sobrenatural e dotado da graça santificante que perdeu com o pecado. Neste segundo estágio, Deus elevou o homem decaído, garantindo sua presença no mundo e sua ação salvadora através da Igreja (LG, 2-3).

Os santos padres falam da Igreja como a “Nova Eva” nascida do “lado de Cristo” durante o sono da morte.³⁵ Do “lado de Cristo” aberto pela lança (Jo 19,34s) correm sangue e água, símbolos do sacrifício de Cristo e do Espírito Santo que anima

33. Pe. Caffarel, Discurso de Chantilly, p. 20

34. Guia das ENS, p.71

35. Dizionario di Teologia Bíblica, III edizione, Marietti

a Igreja e, ainda, símbolos dos sacramentos do Batismo e da Eucaristia que transmitem e alimentam a vida da Igreja.

4. A Igreja está viva

A Igreja nasceu da fonte da vida e a ela permanece unida. A Igreja está viva, porque é o corpo glorioso e ressuscitado de Cristo, nosso Salvador e Redentor. É esta a mensagem que os apóstolos anunciam. Com base na ressurreição de Jesus, começa formar-se e estruturar-se a verdadeira Igreja que Deus considera coisa sua e a liga para sempre a Jesus Cristo, identificando-a como seu corpo.

Quem garante isso é o próprio Jesus ressuscitado, naquele espetacular encontro com o perseguidor Saulo, narrado por Lucas: *“Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus a quem tu estás perseguindo”* (Lc 9,4-5).

Jesus está vivo e por isso a Igreja está viva. Ela pode conhecer tempos difíceis, de cansaço e decadências, por causa da fragilidade dos cristãos, não por falta do amor de Deus, que sempre é fiel às suas promessas. Há um ditado que diz: *“A Igreja é sem pecado, mas não sem pecadores”*.

O pecado tem uma força devastadora que rouba as energias da Igreja; mas basta voltar-se para Cristo para que as energias retornem. *“Basta-te a minha graça”* respondeu Jesus a Paulo (2Cor 12,9). Nos santos e fiéis florescem os germes da vitalidade, da alegria e das esperanças da Igreja.

Os casais santos são sinais da vitalidade e santidade da Igreja.

5. Amar a Igreja não obstante suas feridas

Anunciar o Evangelho do matrimônio é missão de todo casal cristão. Esta missão é assumida conscientemente pelas Equipes de Nossa Senhora. Elas nasceram para evangelizar os casais. Anunciar o Evangelho do matrimônio com a própria vida é sinal de amor à Igreja.

Hoje o matrimônio encontra-se ferido por uma cultura avessa ao pensamento de Deus sobre a vida matrimonial, ensinada pelo evangelho. O ideal traçado por Deus sobre o matrimônio é considerado um valor relativo. Estamos vivendo um momento da história marcado com estes sinais dolorosos, sintomas da força do pecado e do abandono da busca de Deus na vida. É a Igreja que está em chamas, diria santa Teresa de Jesus. É a Igreja gravemente doente, mas é esta Igreja que precisamos amar.

Anunciar o Evangelho do matrimônio é compromisso sagrado e a Igreja pede que as ENS se tornem este anúncio vivo. Só um amor maior nos poderá comprometer com este anúncio, não tanto feito de palavras, mas especialmente de testemunho de vidas matrimoniais marcadas pela fidelidade a qualquer custo.

Jesus Cristo amou a Igreja e se entregou por ela (Ef 5,25), sem poupar a própria vida. Os momentos doloridos não podem diminuir o amor à Igreja, mas devem fazer amar mais, pois é amando que podemos curar. É pelo amor que nos tornamos membros vivos e eficazes da Igreja.

Amar a Igreja para que ela seja fiel à sua missão.

A Igreja é mistério de comunhão e de fraternidade. Comunhão e fraternidade são frutos de amor. A unidade e a santidade são duas notas fundamentais da Igreja. Unidade e santidade são sinais visíveis do amor. Ela é santa e pecadora; por isso chamada a purificar-se e renovar-se permanentemente.³⁶

A Igreja é um sinal sagrado que exprime e confere Cristo. Por meio dela os homens entram em comunhão pessoal com Cristo.³⁷ A Igreja é sinal sagrado, é sacramento de Cristo, enquanto seus membros se amam uns aos outros, segundo o ensinamento do próprio Cristo: *“sereis meus discípulos se vos amardes uns aos outros como eu vos amei”* (Jo 13,35). É pelo amor que representamos Jesus. É pela caridade dos cristãos que Jesus se torna presente.³⁸

36. Lumen Gentium, 8

37. Paulo VI. Alocução na audiência geral de 19/10/66

38. Paulo VI, idem

Na Sessão de Formação Internacional de Fátima, em 1994, durante uma palestra proferida pelo Pe. Bernard Olivier, SCE da ERI, um casal perguntou ao palestrante sobre que critérios adotar diante de perguntas que os leigos fazem com frequência. A resposta do Pe. Olivier foi: “*Os critérios da Igreja, só os critérios da Igreja, sempre os critérios da Igreja*”. Nenhuma explicação mais.

A Igreja precisa ser um sinal eficaz: ser sinal do amor, produzir amor e dar amor. De tal forma que, vendo-nos, possam ver o amor invisível, possam experimentar o que é o amor e possam descobrir a vocação de amar. A Igreja é fiel à sua missão em cada pessoa que ama, em cada casal, em cada equipe.

Para meditar em casal
(*pista para o Dever de Sentar-se*)

A Igreja é a Esposa de Cristo. Como filhos de Deus, nascemos do seio materno da Igreja através de um sacramento da Igreja. Cristo é a Cabeça da Igreja, mas Cristo tem seu representante na terra. “*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*” disse Jesus em Cesareia de Filipe após a famosa profissão de fé de Pedro. Precisamos ler os documentos pontifícios com fé; por eles Deus nos fala.

1. Que valor temos dado à doutrina da Igreja sobre o matrimônio?
2. Temos nos empenhado em anunciar a boa nova do matrimônio com nossa vida?

Para meditar em equipe
(*responder por escrito*):

1. Os documentos da Igreja têm sido um ponto de interesse nos debates em nossa vida de equipe.
2. De que modo, como comunidade cristã, temos demonstrado nosso amor à Igreja?

A ORAÇÃO, UM EXERCÍCIO DE QUEM AMA

1. A oração é a força e a luz da esperança cristã

O Concílio Vaticano II, que tanto se preocupou com o homem, fez-se esta pergunta: Quem é o homem?³⁹ Perguntou-se e encontrou esta resposta: “Desde as suas origens o ser humano se entretinha com Deus”⁴⁰; desde o seu nascimento o homem é chamado ao diálogo com Deus. “Desde o seio materno Deus me chamou” (Is 49,1).

O homem é o centro e o vértice de tudo o que existe sobre a terra; mas é um ser finito, limitado, aberto e sempre em busca de Deus. O homem existe para dialogar com Deus, iluminado pelos faróis da fé e da razão. Existe para fazer da vida um diálogo de amor com o Deus Criador, com o Cristo Redentor, e com o Espírito Santo Santificador. Sempre criatura amada; sempre filho perdoado e redimido por amor; e, por gratidão, sempre aberto para acolher e agradecer este gesto de amor de Deus.

Oração, em breves palavras, é justamente isto: diálogo da criatura com o Criador, diálogo entre Deus e o ser humano. A grande Teresa de Ávila, mestra e doutora da Igreja, deu esta definição: “Oração mental não é senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós, com quem sabemos que nos ama.”⁴¹

Poder “dialogar com Deus” não é só desejo de quem busca a perfeição, mas a vocação.⁴² Empreender um caminho para chegar a dialogar com Deus é uma aventura digna do ser humano.⁴³ Santo Agostinho sentiu esse chamado e exclamou:

39. Gaudium et Spes, 10-12

40. Gaudium et Spes, 19

41. Santa Teresa de Jesus, “Vida”, 8,5

42. Gaudium et Spes, 19

43. São João da Cruz, Subida do Monte Carmelo, prólogo

“Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração está inquieto até que descanse em ti” (Confissões). Um coração que vivia afogado e sem poder respirar até descobrir Aquele que o conhecia e o chamava desde o ventre materno. A oração da mãe arrancou o filho da terra dura em que vivia, por falta de Deus. O Agostinho santo nasceu da força da oração.

Já dizia o Papa João Paulo II: *“Sem a oração nosso esforço seria inútil e nossa esperança de uma nova evangelização que seja eficaz poderia ficar sem fundamento.”*⁴⁴

2. É fácil rezar?

A oração é uma arte. Há quem diga que o artista nasce pronto. Certamente, a tendência é inata, mas o artista torna-se artista explorando o dom concedido por Deus, trabalhando com esforço essa tendência, esse dom. Todos nós somos chamados a dialogar com Deus. Este dom está na bagagem do homem que sai das mãos do Criador para a viagem neste mundo. Resta a cada um de nós explorá-lo para que produza frutos (Parábola dos talentos, Mt 25,15).

Ser chamados (ao diálogo com Deus) significa que há um caminho que devemos percorrer com nosso empenho. É uma “aventura”, empreendida por quem sente esta sede e quer satisfazer o “inquieto coração”. Ninguém sai para uma aventura sem uma boa dose de esperança, de confiança e de coragem para enfrentar os obstáculos que poderá encontrar.

A arte exige exercício diário, sem descanso. *“Rezar é o tempo da encarnação de Deus em ti, é o tempo em que te deixas inspirar por Deus, o tempo em que te deixas transformar em imagem de Deus, o tempo em que aprendes a conhecer Deus como ele é, vendo aquilo que te estás tornando”* (L. Evely). Os artistas treinam muito e não poderia ser diferente com a oração, a mais nobre das artes. Paulo, com linguagem esportiva e militar, fala dos

44. Mensagem às religiosas de clausura da América Latina, 12 de dezembro de 1989

atletas e dos lutadores que buscam um troféu terreno (1Cor 9,25; 2Tm 2,5).

Não há quem fale de buscar a perfeição e a santidade que não coloque em grande destaque a necessidade da oração. Pe. Caffarel, entre os PCEs, centrou quatro deles na oração (Escuta da Palavra, Meditação, Oração Conjugal e Retiro). Paulo VI disse, em 30 de julho de 1975: *“Seja esta uma conquista do Ano Santo: a necessidade, o dever, a alegria da oração cristã!”*⁴⁵

Paulo, falando aos fiéis de Corinto, diz: *“Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus”* (1Cor 1,26). Jesus nos chama para que nos aproximemos, para que não tenhamos medo. A oração é a fé em ato. Na oração, *“o homem fala com Deus, mas também escuta Deus. Neste diálogo é o homem quem tem que entender o que Deus quer e não Deus entender o que o homem quer”* (Kierkegaard).

A verdadeira oração é aquela de Jesus no Jardim das Oliveiras: *“Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!”* (Lc 22,42). Oração é decisão, continuamente renovada, de entrarmos no jogo de Deus.

3. A Igreja precisa de ti

*“A Igreja do Concílio Vaticano II considera o mundo moderno com o amor, que sabe descobrir em toda parte os vestígios de Deus; serve-o com o gênio da caridade e de sua oração.”*⁴⁶ A Igreja *“abre-se para ele (o mundo moderno) não para contaminar-se com seus costumes, mas para infundir-lhe o fermento de sua salvação”* (idem). Esse fermento és tu, somos nós. Por isso, a pergunta: de quem necessita a Igreja? Com certeza, ela necessita de cada um de nós, do casal cristão, da comunidade.

A Igreja precisa de quem busca aproximar-se de Deus, de quem reza, de quem se coloca no alto da montanha, como fazia Moisés, quando queria encontrar-se com Deus, para escutar a

45. Ensinamentos de Paulo VI, vol. 6, p.90

46. Paulo VI, audiência geral, 30 de março de 1966

Deus e dele receber as orientações do que devia fazer e como devia fazer (Ex, 19). O matrimônio e a família precisam ouvir da boca de Deus o seu projeto sobre o matrimônio e a família. Deus está à espera dos orantes, lá no alto da montanha, para comunicar-lhes seu projeto, para iluminar a Igreja.

A Igreja necessita de pessoas que se deixem habitar por Deus. Os que se colocam à escuta de Deus, os que rezam, são ativos, interessados e sensíveis às necessidades do outro e da Igreja. Jesus foi o maior adorador do Pai e o maior servidor do povo. O mais aberto para escutar é o mais apto para servir. Quem mais reza é quem mais serve.

A oração ilumina a visão do mundo. O bem e o mal existentes no mundo são percebidos pelos que se aproximam de Deus através da oração. Na beleza do mundo resplandece o vestígio de Deus, e no mal que afeta os homens percebe-se a grande ausência de Deus. O mal impera onde não há lugar para Deus.

4. Vida de oração e a amizade

Seguindo a definição de Santa Teresa, a oração é “tratar de amizade”. O orante está na presença de Deus como um amigo está diante do amigo. Sabemos o valor do amigo pela palavra de Deus na Escritura. É um verdadeiro tesouro. “*Um amigo fiel é um poderoso refúgio; quem o descobriu, descobriu um tesouro*” (Eclo 6,14). E quem encontra o tesouro é capaz de vender tudo para adquiri-lo e fará de tudo para não perdê-lo (Mt 13,44-45). “*Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração*” (Mt 6,21). O amigo me conhece como eu me conheço, porque aos amigos abrimos o coração.

Oração é estar com Deus como amigo verdadeiro. Tornar-se amigo de Deus é tornar-se orante. Jesus nos ensina o segredo da verdadeira amizade quando diz: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos*” (Jo 15,13). Essa afirmação de Jesus vem ao nosso encontro para curar, ensinar e transformar o coração. Só o amor transforma. Não é possível conceber o amor sem a capacidade de entrega, sem doação,

sem oblação. Amigos de Deus nos tornamos no dia a dia, na medida em que nos aproximamos mais e nos entretemos mais com ele. É o saber “perder tempo”, de Antoine de Saint-Exupéry (em *O Pequeno Príncipe*).

A amizade exige encontros, exige “*estar muitas vezes tratando a sós*.”⁴⁷ A oração também exige sua hora, sua habitualidade e seu lugar.⁴⁸

5. Oração e vida espiritual

Vida espiritual é viver movido e iluminado pelo Espírito Santo. Na vida dos santos podemos acompanhar o crescimento espiritual seguindo o crescimento na vida de oração.

Talvez pudéssemos dizer que a oração é a água por onde navegamos para alcançar a plenitude da vida espiritual, ou a travessia que leva a essa plenitude. Sem água ou com pouca água o barco encalha, e sem um caminho não iremos a lugar nenhum. Por isso, existe uma relação muito estreita entre oração e vida espiritual.

6. O alimento da oração

O cristão alimenta-se da Palavra de Deus. A Palavra de Deus é um alimento capaz de satisfazer todos os gostos, e a oração é a mesa onde é colocado esse alimento. Sentados à mesa da oração, saboreamos tal alimento e matamos a fome, provocada pelo desgaste do dia e pela exigência do crescimento. Como os alimentos precisam ser ingeridos para que se tornem vida, assim a Palavra precisa ser “ingerida”, interiorizada.

A Palavra de Deus é lida com espírito receptivo e em espírito de obediência. Quando lemos o Evangelho, o fato de ler já é oração, desde o momento em que fazemos perguntas como: O que Deus

47. Santa Teresa, “Vida”, 8,5

48. D. Pedro Casaldáliga, “El vuelo del Quetzal. Espiritualidad en Centroamérica”, Cuenca, 1988

está me dando para que possa agradecer? O que está me pedindo para fazer? Refletir sobre essas perguntas já é oração.

A Escritura é uma mesa farta. Ninguém sai desta mesa com fome; sai com mais força e vontade de andar pelos caminhos do Senhor. Sair da oração sem vontade de ser melhor, de converter-se, seria como ir à mesa e só olhar para a refeição, mas nada comer. À mesa da oração, vamos para comer. “*Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus*” (Mt 4,4).

7. Como tornar-me homem de oração?

Um sério caminho espiritual começa quando abrimos um espaço para Deus no barco da vida. Quando Jesus entrou na barca de Pedro, não encontrou nenhum impedimento por parte dele. Jesus, na vida ordinária de Pedro, encontrou um lugar (Lc 5,3). Da mesma forma, Deus quer entrar na vida de cada um. O que quer dizer *acolher Deus na própria vida*? Com certeza, nossa atenção vai fixar-se na oração como meio para que Deus seja acolhido em nossa vida. Para tanto precisamos colocar alguns objetivos.

Em primeiro lugar, a oração pessoal todos os dias. Essa é uma forma de dar um lugar para Deus na vida, como damos um lugar para uma pessoa importante que vem à nossa casa. Dar um espaço vital, que podemos chamar de fidelidade cotidiana. A oração deve tornar-se um encontro *previsto e desejado*.

A vida espiritual tem seu ponto de partida aqui: fidelidade *pontual* para os encontros com o Senhor. Sem uma absoluta fidelidade, em dar o tempo e o espaço para Deus, não há quem se torne espiritual, não há quem se torne pessoa de oração. É a perseverança fiel na oração que nos torna autênticas pessoas de oração. O que se faz ocasionalmente denota relatividade. Oração feita ocasionalmente caracteriza-se como necessidade relativa, como valor relativo. Deus é necessidade e valor absoluto. O Senhor precisa entrar na nossa barca, na barca da vida. Um lugar definido para Deus no espaço do dia, guardado com fidelidade persistente, é que nos define como homens e mulheres de oração. É esta oração fiel que transforma

a vida. É a vida transformada pela oração que faz da oração uma necessidade.

A oração precisa ser um encontro também *desejado*. A vida torna-se árida, sem gosto, quando não há oração. Nenhuma semente tem vida longa em terreno árido, sem o orvalho e a chuva da oração, do encontro com Deus. Nem a semente da graça matrimonial ou sacerdotal tem vida longa sem o orvalho que cai de Deus na oração. Precisamos adquirir gosto pela oração e, como os discípulos de Jesus, manifestar o desejo: “*Senhor, ensina-nos a orar*” (Lc 11,1).

Para meditar em casal (pista para o *Dever de Sentar-se*)

“O perigo maior para a cristandade atual é precisamente o de não haver cristãos ricos de uma profunda vida interior. Em tantos países e regiões, os cristãos são ineficazes, porque eles não têm essa vida interior/.../(*Extratos da correspondência do Pe. Caffarel com Pedro Moncau, CM 12/ 95, p.19*). Para progredir na perfeição, temos que enfrentar inimigos e vencer obstáculos que somente a oração será capaz de conseguir. O mesmo futuro das ENS dependem da oração (*idem*). Estes pensamentos devem permear o poderoso *Dever de Sentar-se*.

1. Que lugar a oração ocupa em nossa vida de casal?
2. O tempo que dedicamos à oração é suficiente para um verdadeiro e frutuoso encontro com Deus? Caso a resposta seja negativa, que tal uma Regra de Vida para realizar este encontro tão esperado pelo Pai?

Para meditar em equipe (*responder por escrito*)

1. Há uma preparação por parte da equipe para que o momento da oração produza frutos?
2. Que podemos fazer para que a oração da equipe alimente melhor nossa espiritualidade?

Maria foi a primeira peregrina neste caminho de fé. Acolheu com fé a palavra de Deus e esta Palavra se fez carne em seu seio. A Palavra acolhida com fé generosa torna-se carne – vida – quando, obedientes a ela, fazemos dela o nosso caminho.



MARIA NOS ENSINA A AMAR E SERVIR COMO JESUS

1. Maria, escola de amor

A vida dos cristãos deveria transformar-se numa verdadeira gestação espiritual. As características da identidade de Jesus Cristo, cada dia que passa, deveriam tornar-se sempre mais visíveis em cada um de nós. Jesus precisa ser concebido no coração, na mente, e apresentado e proclamado ao mundo com a voz da vida. A vida é o nosso argumento, a nossa fundamentação. Com ela é que proclamamos solenemente quem é Cristo e como devemos amar e servir.

O cristão precisa tornar-se um *kerygma*, ou seja, “proclamação solene *da grande verdade*: Jesus Cristo é o Senhor e Salvador.”² Para que Jesus seja concebido no coração e na mente de cada batizado, é necessário que haja quem, com entusiasmo, o anuncie e o dê a conhecer (At 8,26-40), com convicção e ardor tão grandes que torne o ouvinte um enamorado de Jesus. Uma vez enamorados, diante do que ouvimos e vemos, começamos um caminho novo. Nesse caminho, encontramos Maria, mestra e modelo, porque é um caminho de fé.

A Maria foi anunciado, solenemente, pelo anjo Gabriel que ela se tornaria Mãe do Filho de Deus (Lc 1,26-38). Mas foi a fé que a levou a responder: “*Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1,38). Não basta receber um dom, grande ou pequeno. Nenhum dom enriquece se não for trabalhado. A parábola dos talentos mostra bem isso (Mt 25,26). A fé é dom gratuito de Deus, mas requer que o acolhamos, que abramos a porta do coração para recebê-lo. Maria escutou o anúncio do anjo, abriu o coração e disse: “*Faça-se*” (Lc1,38). A fé precisa ser acolhida, confessada e testemunhada publicamente. “*Porque, se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor, e*

creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10,9).

Maria foi Mãe de Jesus não apenas quando acolheu e acreditou na palavra que lhe fora anunciada em momento tão surpreendente, mas também, quando sua fidelidade à palavra acolhida precisava de sua coragem heroica de Mãe. Foi sua fé vivida e testemunhada no silêncio do dia a dia que a levou até o Calvário. Sua fé a levou pelo caminho só conhecido por Deus. A fé faz partir para terras desconhecidas e por caminhos desconhecidos. A fé faz caminhar pelos caminhos que Deus dispõe. “O caminho se faz caminhando!”.

2. Percorrendo o caminho de Maria

Para ser como Jesus e amar e servir como Ele, o caminho é Maria: “*faça-se em mim segundo a tua palavra!*” (Lc 1,38). Fé é, essencialmente, obediência. Cremos quando obedecemos confiantemente. Com aquelas palavras, Maria acolheu o convite de ser a Mãe de Deus.

Maria conheceu e acompanhou todos os passos da encarnação de Jesus, em seu seio virginal, porque viveu com fé o processo, desde que foi concebido até o nascimento, e, depois de dar à luz, acompanhou-o até a morte de cruz. Por isso, ninguém melhor do que ela, a cheia do Espírito Santo desde sua concepção, para guiar-nos pelo caminho de formar Jesus em nós, para vivermos como Jesus e amarmos como Ele.

O mestre de toda perfeição é o Espírito Santo. Foi ele que tornou possível o que era impossível à compreensão humana: “*O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra*” (Lc 1,35).

3. A meta exige tomada de decisões

Quem tem objetivos claros terá também necessidade de decisões firmes sobre o que tem que fazer e do que terá que fugir. Os nossos objetivos obrigam a fugir decididamente da

tibieza e da mediocridade. As meias palavras não dizem nada e nada definem. “Porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca” (Ap 3,16). “Eu vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso!” (Lc 12,49). O ideal que nós traçamos, a convite do Senhor, precisa reacender-se.

Quem melhor do que Maria para dar-nos o empurrão inicial e para manter-nos perseverantes neste desejo?

Para isso, é necessário acreditar no que buscamos – a santidade –, pois não é apenas uma opção que partiu de nossa vontade, mas é vontade de Deus (Lv 11,44; 19,2; 20,7; 1Pd 1,16). Se a fé esmorece, esmorece também a esperança. A esperança é a força que move para buscar aquilo em que acreditamos de verdade.

Maria foi a primeira peregrina neste caminho de fé. Acolheu com fé a palavra de Deus e esta Palavra se fez carne em seu seio. A Palavra acolhida com fé generosa torna-se carne – vida – quando, obedientes a ela, fazemos dela o nosso caminho. A palavra de Deus torna-se carne naquele que tem comportamento evangélico. O mesmo Jesus foi quem disse: “*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? Aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe*” (Mt 12,46-50).

4. Como Maria, crer na palavra

Andar pelos caminhos de Deus, acreditando na sua palavra, é tudo. A vida de fé não é algo acabado. Não está tudo resolvido quando dizemos que acreditamos. Por graça de Deus somos batizados, acreditamos, mas precisamos tornar-nos aquilo que somos em germe.

O esforço em tornar-nos cristãos não termina nunca. O cristão é sempre um ser inacabado. Durante a longa jornada da vida a nossa fé passa das mais agradáveis às mais incômodas “estações”. Passamos por momentos de muito fervor e por outros de frieza e indiferença. Às vezes, nos sentimos muito

perto de Deus e, às vezes, o perdemos de vista, quando a mediocridade toma conta do nosso dia a dia. Com a indiferença, vem a decadência: passamos de fervorosos à frieza espiritual. A fé é como fogo: o braseiro precisa ser alimentado, mexido e assoprado para não apagar.

A vida em todos os sentidos passa por “noites escuras”, tanto na fé como na esperança e no amor. Fé é isso mesmo, é seguir caminhando no escuro, obedecendo à escuta da Palavra. Será fácil para nós repetir as palavras do centurião na conversa com Jesus? Como era a fé daquele homem que teve a felicidade de escutar de Jesus: *“Seja feito conforme acreditaste”* (Mt 8,13)?

Maria, mulher da escuta e da docilidade ao Espírito Santo, modelo em deixar que o sopro do Espírito atue no interior do coração, acompanha-nos neste processo do crescer no amor para amar como Jesus amou. Ao caminhar com Maria, adquire-se uma grande disposição para escutar o Espírito Santo, que fala pelos mais diferentes fenômenos, estranhos, às vezes, e até dolorosos.

5. Maria, mulher de fé e de esperança

Tudo é possível para quem crê. O que esperamos depende da nossa fé, porque, naquilo que cremos nos empenhamos com coragem. O futuro das ENS depende de uma fé ativa, de uma esperança ativa e do nosso amor ao Movimento. *“Os apóstolos disseram ao Senhor: ‘Aumenta-nos a fé!’”* (Lc 17,5).

O longo caminho de Maria começou com um ato de fé: *“Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim”* (Lc 1,38). E, a partir desse momento em que aconteceu a encarnação do Verbo, seus passos foram todos iluminados unicamente pela luz da fé. Maria não tinha diante dos olhos nenhum sinal que lhe servisse de garantia e certeza, mas agia como quem acreditava. Bem podia ela dizer as palavras de Paulo: *“Sei em quem coloquei a minha fé”* (2Tm 1,12).

Agir como quem acredita é o grande segredo para que aconteça o grande projeto de Deus, a santificação dos casais

pelo caminho e pela pedagogia traçados pelo Movimento das ENS. Nada do que é grande e importante nasce pronto. O dia da Anunciação foi o começo de um escuro caminho. Mas a escuridão não diminuiu o ritmo dos passos de Maria. Em Maria, a fé esteve em contínuo crescimento, com momentos de sombras e momentos de luz. Em Maria, a fé sempre foi uma busca ardorosa, vendo a vontade de Deus em tudo o que acontecia.

O primeiro passo de Maria foi o “fiat” (Lc 1,38). A partir daquele momento, abriu-se para ela um caminho pontilhado de surpresas, de imprevistos, onde só o “sentido” da fé era sensível e estava vivo. Essa luz acompanhou-a até a Assunção. Também para ela, a revelação plena de quem é Jesus só aconteceria no Céu. Enquanto estamos no mundo, aquilo que é divino só é percebido pela visão da fé. Maria, como Abraão, acreditou e esperou contra toda a esperança (Rm 4,18).

6. Olhar para Maria a fim de imitá-la na fé

Nas Equipes de Nossa Senhora, a presença de Maria é semelhante à sua postura na festa de casamento narrada por João no capítulo segundo. Maria estava lá porque fora convidada. Sua iniciativa fez com que seu Filho não permitisse nenhum desastre ou infortúnio para aquele casal que estava iniciando a vida. A presença de Maria no Movimento das ENS é providencial, já que o casamento é uma festa que não pode acabar.

Maria disse ao seu Filho: “*Eles não têm mais vinho*” (Jo 2,3). Ela confiou que seu filho haveria de dar uma solução. Imediatamente foi aos serventes e disse que fizessem o que ele dissesse (Jo 2,5). Eles fizeram tudo. Encheram as talhas até a boca. Jesus, vendo que haviam acreditado e obedecido, fazendo tudo o que lhes tinha ordenado, mandou que provassem do fruto da fé obediente. Quem acredita faz tudo, de forma completa (encheram as talhas até a boca).

Maria é caminho que leva a Jesus, como serviu de caminho para Jesus chegar ao mundo.

7. A presença de Maria é uma garantia para todos

O apóstolo Paulo sentia-se confortado ao chegar ao fim de sua vida por ter acreditado. “*Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé*” (2Tm 4,7). Só há perseverança no caminho do seguimento de Jesus, com fé.

Guardar a fé é fazer como Maria. Ela “*conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração*” (Lc 2,19-51). Ela é modelo de como escutar e de como guardar a palavra; ela era a serva. “*Faça-se em mim segundo a tua palavra*”.

Maria é a porta de entrada de Deus neste mundo, Mãe que oferecerá a vida humana ao Verbo de Deus.⁴⁹ Ela é “Lâmpada da luz divina”, “Veículo de Cristo”, “Templo da luz sem sombra.”⁵⁰

Convide Maria para estar em sua casa, leve-a para a sua equipe, e nunca faltará o essencial para uma digna e santa convivência conjugal e familiar, para uma digna e santa convivência na família da sua equipe. Na vida conjugal, na vida familiar e na equipe, a presença de Maria será a garantia de que o essencial nunca faltará. Precisamos escutar dela a recomendação de fazer tudo o que Jesus nos disser.

Que Maria, aquela que trouxe a Luz ao mundo que jazia nas trevas, traga também para nós, para o Movimento das ENS, para as Equipes do Brasil, esta Luz, e que nós saibamos acolhê-la, como filhos da luz.

Deus nos dê a fé, a esperança e a coragem ardorosa de Maria!

Para meditar em casal

(pista para o *Dever de Sentar-se*)

Não se pode falar de Jesus sem falar de Maria. Cristo começa sua missão na terra no seio de Maria, com o “sim” de Maria.

49. Cf. Paulo VI, 8/12/1964, palavras dirigidas às religiosas de Albano, Itália

50. Paulo VI, alocução de 21/11/1964, por ocasião da promulgação da Constituição Lumen Gentium

Jesus toma forma humana pelo Sim daquela que acreditou na palavra do Arcanjo Gabriel. “*Faça-se em mim segundo sua palavra*”. No Dever de Sentar-se, a atitude de Maria é uma luz. Será ela quem nos há de dizer o que nos falta, quando tomarmos a postura de quem sabe escutar, acreditar e agir.

1. Nesse tempo em que estamos casados, que lugar teve Maria em nosso lar e na vida de cada um em particular?
2. Nossa família tem uma tradição mariana? Há alguma prática mariana que cultivemos em família?

Para meditar em equipe
(responder por escrito)

Em nossas reuniões, reservamos um momento, ainda que breve, para Maria?

Já visitamos algum Santuário mariano, com o fim de fortalecer a espiritualidade da equipe?

